

# Aula 00 - Conceitos básicos da Gramática + Semântica

*Gramática IME 2021*

**Professora Celina Gil**

## Sumário

Apresentação .....	3
Quem sou eu?.....	5
Metodologia .....	6
1 – Termos básicos do português .....	7
2 – Semântica.....	8
2.1 – Sinônimos e Antônimos .....	10
2.2 – Homônimos e Parônimos .....	12
3.3 – Hiperônimos/Hipônimos .....	19
3 – Exercícios.....	20
3.1 – Lista de Questões.....	21
3.2 - Gabarito .....	57
3.3 – Questões comentadas .....	58
Considerações finais.....	105



## Apresentação

**Caro aluno,**

Esse é o curso de **Português** para o vestibular do **IME!**

O IME é (Instituto Militar de Engenharia) é uma instituição universitária do Exército Brasileiro. Está localizado na cidade do Rio de Janeiro e é considerado um centro de excelência em engenharia. O aluno deve ingressar no curso de Engenharia (como militar da ativa ou da reserva) e após um ano de ciclo básico deve optar por uma das seguintes especialidades:

Fortificação e Construção (Eng. Civil);
Elétrica;
Eletrônica;
Comunicações;
Mecânica e de Armamento;
Mecânica e de Automóveis;
Materiais;
Química; e
Cartografia e Computação.

Quanto às vagas, o IME apresentou no último vestibular 7 vagas para candidatos da ativa e 24 vagas para candidatos da reserva.

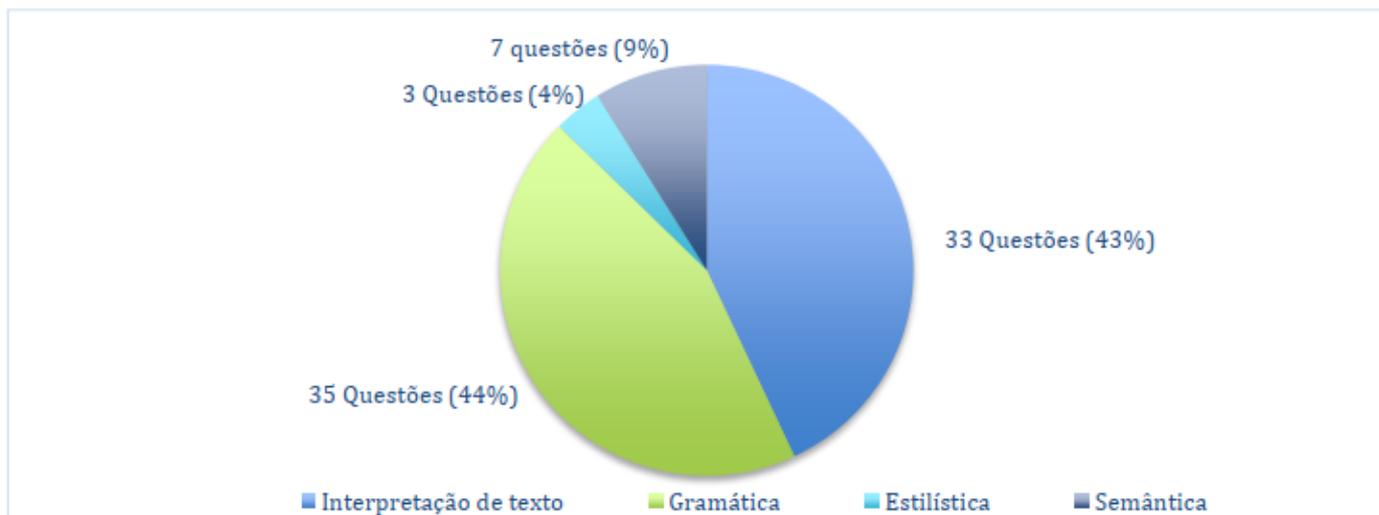
Claro que para todos estes cursos você precisa mandar **muito** bem em exatas! Mas o que às vezes muitos candidatos esquecem é que o **Português** é uma matéria obrigatória deste vestibular. Ter bom conhecimento em Português (gramática, interpretação de texto e redação) é um diferencial diante dos outros candidatos.

Sobre a prova, é importante lembrar que:

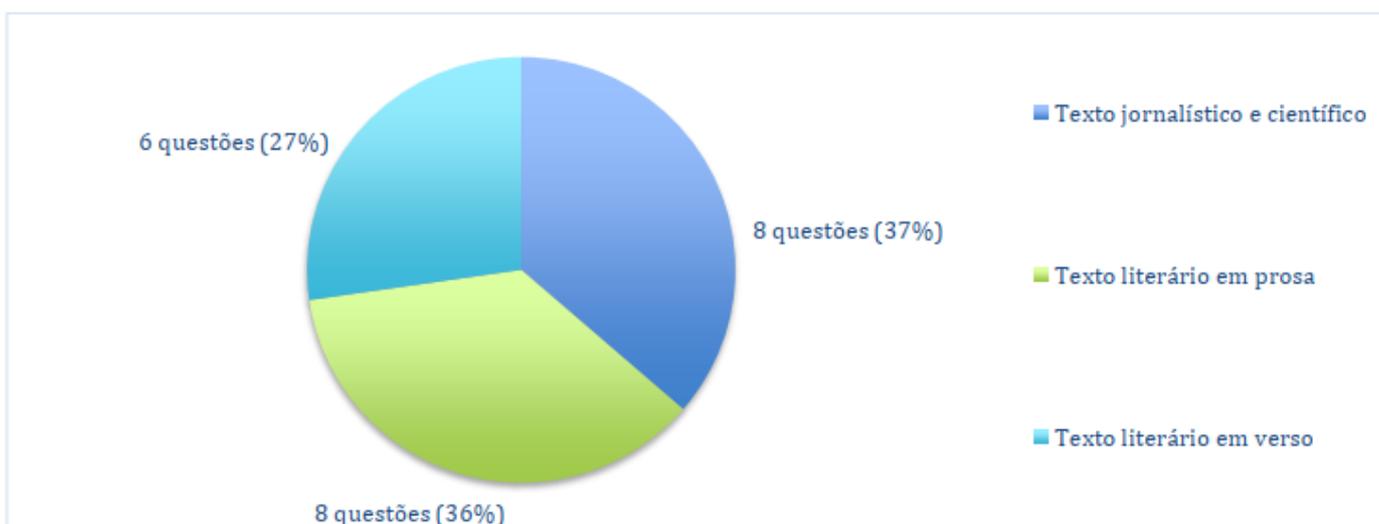
- Português no IME aparece apenas na segunda fase.
- São cobradas **10 questões e uma redação**.
- A prova possui **peso 1**.
- A redação possui apenas **caráter eliminatório**, ou seja, ela não vale pontos em si, mas se sua produção for considerada insatisfatória ou se você não produzir sua redação, você pode ser **desclassificado**.



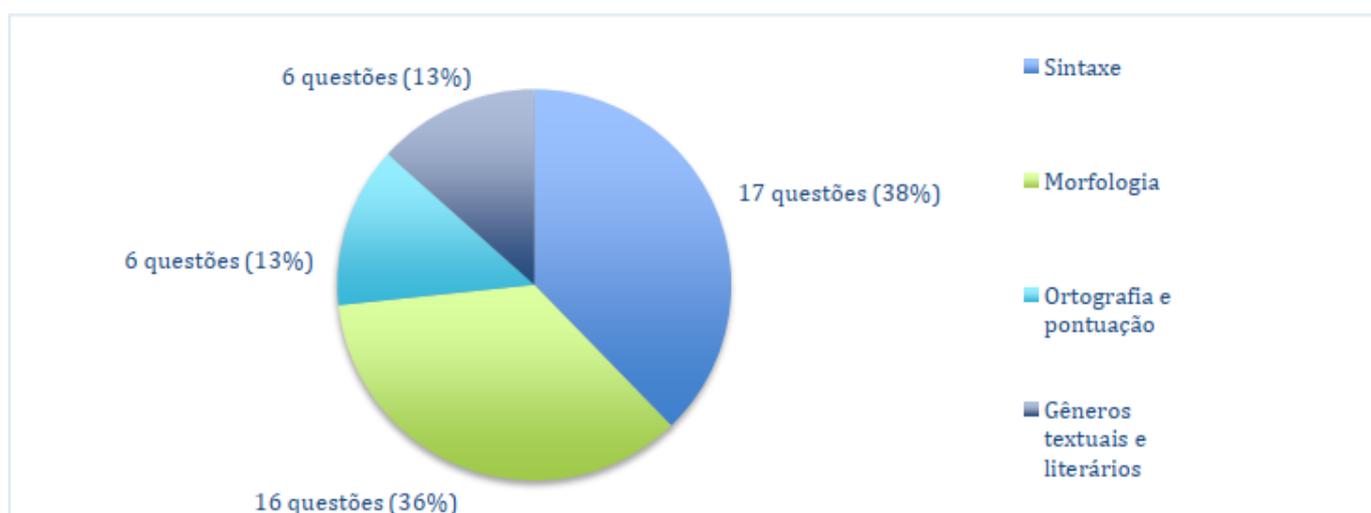
O setor de português do vestibular do IME nos últimos 10 anos se dividiu em:



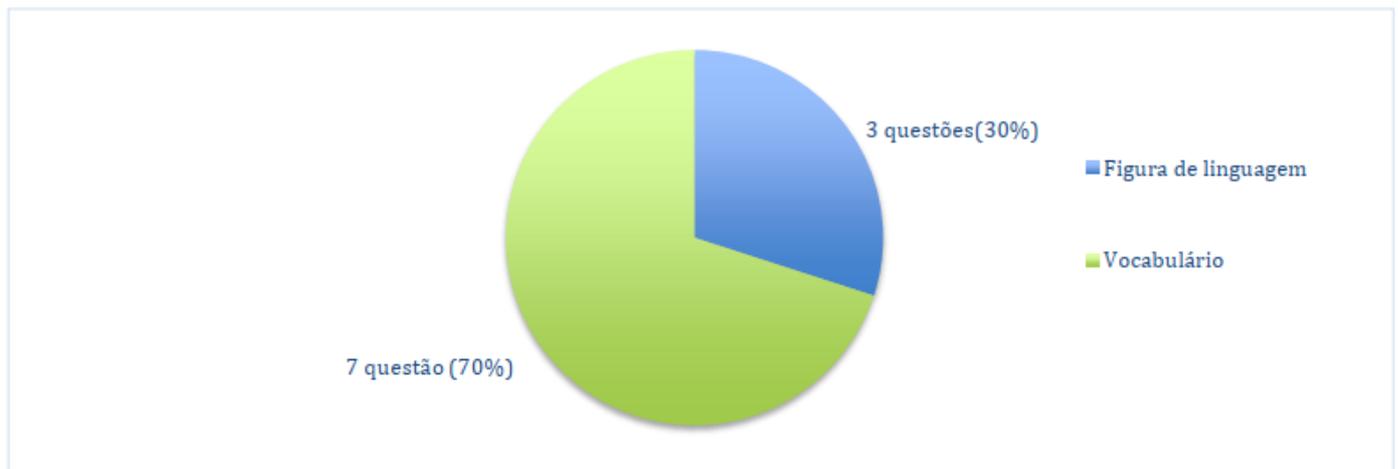
Dentro de **Interpretação de texto**, esses são os temas mais cobrados:



Dentro de **Gramática**, esses são os temas mais cobrados:



Dentro de **Estilística e Semântica**, esses são os temas mais cobrados:



Nosso material irá abarcar interpretação de texto e gramática. Dentro de cada uma dessas áreas, identificamos algumas tendências. Esses serão os tópicos mais explorados nas aulas.

Vamos juntos?

## Quem sou eu?

Olá!

Meu nome é Maria Celina Gil e fui a responsável por esse material que você está vendo. Ingressei na USP em 2009, no curso de Letras, onde me formei em Português e Latim. Hoje em dia, faço doutorado em História do Teatro também pela USP. Ou seja, pode contar comigo tanto para gramática e redação quanto para literatura.

Também sou formada em Cinema, pela FAAP. Por isso, muitas vezes ao longo dos meus materiais você pode encontrar dicas de filmes, games e séries ajudar deixar o estudo mais divertido.

Já dei aula para crianças, mas me especializei em trabalhar com jovens e adolescentes, principalmente em cursos preparatórios para provas e vestibulares.

Montei esse curso de modo que você possa ter contato com a teoria e sua aplicação prática. A maioria dos exercícios que você encontra aqui veio de provas do IME e outros grandes vestibulares semelhantes.

Espero que ajude você a passar por esse momento tão importante.



## Metodologia

Nosso curso funciona da seguinte maneira:

Estudo dos mais importantes tópicos da **TEORIA** de gramática

Resolução e comentários de **QUESTÕES** de vestibulares dos últimos 10 anos ou inéditas

**VIDEOAULAS** para entender melhor o conteúdo

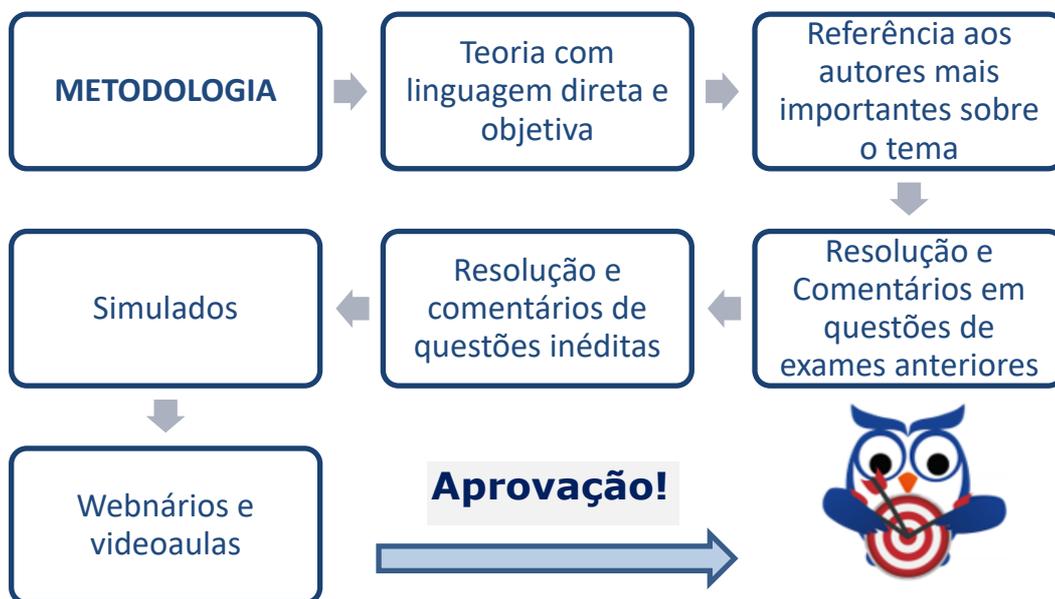
Realização de **SIMULADOS**

**FÓRUM DE DÚVIDAS** para conversar com o professor

Para ser aprovado você precisa, portanto, se dedicar em três frentes:

- Estudar o livro digital;
- Assistir às videoaulas; e
- Praticar questões.

Nosso material tem **MUITAS questões!** Não se preocupe em fazer todas de uma vez. Você pode voltar à aula sempre que precisar! O importante é chegar ao dia do vestibular tendo praticado muito e tirado todas as dúvidas.



# 1 – Termos básicos do português

Os termos básicos que você deve saber para estudar o português são:

Fonética e fonologia	Estudo do <b>som</b> das palavras. Modo como o som é <b>produzido</b> pelo aparelho fonador. Modo como o som é <b>pronunciado</b> (acento, entonação, sotaque etc.).
Estilística	Estudo dos <b>processos de estilo</b> . Modo como se <b>utiliza</b> a linguagem para atingir determinado objetivo. Figuras de linguagem. Gêneros literários. Versificação.
Morfologia	Estudo do modo como a palavra é <b>formada e escrita</b> . Estrutura das palavras. Formação das palavras. Classificação e flexão das palavras.
Ortografia	Conjunto de regras acerca da <b>escrita</b> das palavras segundo a <b>norma culta</b> . Tonicidade e acentuação. Alfabeto e emprego das letras. Empregos fixados pela norma ortográfica (til, trema, hífen e apóstrofo). <b>Muito ligada à fonética, já que também se baseia no som muitas vezes.</b>
Semântica	Estudo do <b>significado</b> das palavras. Sentido próprio e sentido figurado. Sinônimos e Antônimos Campo semântico e campo lexical <b>Muito ligada ao seu próprio vocabulário!</b>
Sintaxe	Estudo da <b>relação entre os termos</b> que compõe a frase. Concordância. Regência. Colocação pronominal. Período composto (coordenação e subordinação). Pontuação.

**ATENÇÃO:** Ao longo do curso, falaremos bastante esses termos. Lembre-se deles agora para não ter dificuldades no futuro.

Por vezes, quando se estuda a formação da palavra aliada a seu uso na frase, denomina-se **morfossintaxe**. Utilizaremos esse termo muitas vezes.



Para o vestibular, o importante é que você se foque na **norma culta da língua portuguesa**. Segundo Evanildo Bechara (2009, p. 28), temos o seguinte conceito de norma:

## Norma

- A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “assim, e não de outra maneira”.



A norma culta é o termo usado para se referir ao conjunto de padrões linguísticos que mais se aproximam dos usos considerados **corretos** pela gramática.

Ainda que a ideia do que é correto ou não em linguagem se altere muitas vezes – tanto em função de novos acordos ortográficos quanto pelas mudanças naturais da língua – a norma culta é o modo de escrever mais próximo daquilo que a gramática ditar na época.

**Sua prova deve ser escrita na norma culta, pois ela deve ser o mais clara possível: a gramática é um conjunto de regras compreendido por todos.**

## 2 – Semântica

Como vimos, a semântica é o estudo do significado das palavras. No vestibular é bastante comum o aparecimento de dois tipos de questões que envolvem semântica:

- Substituição por sinônimos (palavras equivalentes); e
- Significados das palavras.



A substituição por sinônimos, **eu não posso ajudar você**. Por um simples motivo: é uma questão de **vocabulário**. Eu não posso ensinar você a conhecer um maior número de palavras ou significados. Isso é algo que depende do seu esforço diário! Mas eu posso indicar alguns caminhos para aumentar seu vocabulário e gabaritar questões assim!



### COMO AUMENTAR SEU VOCABULÁRIO

- **Leia muito**, não importa o que. Livros, revistas, textos online... tudo pode ser uma fonte de aprendizado de novas palavras. A **literatura – principalmente clássicos** – tende a ter um vocabulário mais extenso, mas os **textos mais corriqueiros** apresentam palavras que estão em voga: você não saberia o que é *fake news* lendo Machado de Assis. Na dúvida, **leia um pouco de cada**.
- **Procure no dicionário** toda palavra que você não conhecer. Não deixe pra depois, pois você irá acabar se esquecendo e não assimilará a palavra. Nós aprendemos palavras novas tanto pelo **contexto** quanto pelo **verbete** no dicionário.
- Nesse momento pré-vestibular, **estabeleça metas**. Pode ser usar uma palavra nova em cada redação que você produzir, ou procurar e anotar o significado de 10 palavras novas toda semana. O importante é estabelecer o **compromisso** de aprender palavras novas.
- **Escreva mais**. Ler e escrever são atividades complementares. Você realizará melhor ambas se treiná-las em conjunto. Pode ser um diário, um blog ou simples mensagens de texto. O importante é **escrever utilizando a norma culta**, pois isso é o que será cobrado no vestibular. Tente perder o vício de abreviar palavras ou utilizar a grafia incorreta das palavras.
- **Faça jogos que envolvem palavras**, como caça-palavras ou palavras cruzadas. Você sempre acaba conhecendo algum verbete que não conhecia antes.

Quanto ao significado das palavras, alguns conceitos são importantes para ir bem no vestibular. São eles:

Sinônimos e  
Antônimos

Homônimos e  
Parônimos

Hiperônimos e  
Hipônimos

Vamos nos dedicar melhor a cada um deles.



## 2.1 – Sinônimos e Antônimos

Um **sinônimo** é uma palavra que possui significado idêntico ou muito semelhante ao de outra palavra. Ele pode ser **real** ou **contextual**.

**Sinônimo real:** mesmos significados em palavras diferentes.

Ex.: feliz = contente = alegre.

**Sinônimo contextual:** os significados das palavras se **equivalem** dependendo do contexto em que estão inseridos, ou seja, de acordo com o uso que o autor fez da palavra naquele texto.

Ex.:

### Encarando a fera

A **demissão** é um dos momentos mais difíceis na carreira de um profissional. A **perda de emprego** costuma gerar uma série de conflitos internos. Mesmo sendo uma **possibilidade concreta** na vida de qualquer indivíduo, somos sempre pegos de surpresa pela **notícia**. Apesar de ser uma **situação delicada**, é preciso transformar esse **fantasma** em algo menos assustador e aprender a dar a volta por cima.

Já um **antônimo** é uma palavra que possui sentido oposto ao de outra palavra. Assim como o sinônimo, o antônimo pode ser **real** ou **contextual**.

**Antônimo real:** sentidos opostos em palavras diferentes.

Ex.: alto/baixo, claro/escuro etc.

**ATENÇÃO:** quando virmos figuras de linguagem, esse assunto será bastante importante! Principalmente quando virmos as ideias de **antítese e paradoxo**. Na aula 02 vamos nos debruçar mais longamente sobre o assunto.

**Antônimo contextual:** os significados das palavras se **opõe** dependendo do contexto em que estão inseridos, ou seja, de acordo com o uso que o autor fez da palavra naquele texto.

Ex.:

“Onde queres prazer, sou o que dói  
Onde queres tortura, mansidão  
Onde queres um lar, revolução”  
(VELOSO, Caetano. **O querer**es).

Veja como esse assunto já apareceu em uma prova de vestibular:

### (ITA – 2018)

Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma

quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de status decorrente da saída do mercado de trabalho.

**Comentários:** “Pendurar as chuteiras” é uma expressão que significa “aposentar-se” ou “parar de fazer algo”. Ao dizer que “não é fácil”, o autor deixa claro que há comprometimento emocional envolvido nesse “parar” ou “aposentar”. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o problema debatido é a dificuldade em parar de trabalhar, não necessariamente a questão financeira.

A alternativa C está incorreta, pois o texto afirma que o idoso continua produtivo e apto para o trabalho.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência no texto à forma física dos idosos.

A alternativa E está incorreta, pois o problema não é a perda de status, mas sim a questão emocional e a quebra da rotina.

**Gabarito:** B



**Sinônimos:**

- Termos de significado idêntico ou semelhante;
- Podem ser reais ou contextuais.

**Antônimos:**

- Termos de sentido contrário;
- Podem ser reais ou contextuais.

## 2.2 – Homônimos e Parônimos

Os **homônimos** são palavras com **significados diferentes** que possuem **som idêntico quando** pronunciadas. Elas podem ser de três tipos:

**Homônimos homógrafos (homo = igual; grafo = escrita):** som diferente, significado diferente, escrita igual.

Ex.: sede/sede (lê-se “sêde” e “séde”)

colher/colher. (lê-se “colhêr” e colhêr”)

**Homônimos homófonos (homo = igual; fono = som):** som igual, significados diferentes, escrita diferente.

Ex.: sessão/seção/cessão;

concerto/conserto;

chá/xá;

cassado/caçado;

passo/paço;

incipiente/insipiente.

**Homônimos perfeitos:** homógrafos e homófonos. Escrita e acústica iguais, mas significados diferentes.

Ex.: O **caso** do avião da LATAM chocou o Brasil.

Eu me **caso** com você.

**Caso** você não venha, ligue-me por favor.

Já os **parônimos** são palavras **semelhantes** quanto à grafia ou à pronúncia.

Ex.: **descrição** (“ato de descrever”) e **discrição** (“qualidade do que é discreto”);

Segue uma lista de palavras **paronímias mais importantes que podem cair no vestibular. Use essa lista para consultas futuras caso seja necessário.**

**Acerca de:** sobre, a respeito de. Ex.: no discurso, o presidente falou acerca de seus planos.

**A cerca de:** a uma distância aproximada de. Ex.: o anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal; estamos a cerca de um mês das eleições.

**Há cerca de:** faz aproximadamente (tanto tempo). Ex.: eu namoro há cerca de dois anos.

**Acidente:** acontecimento casual; desastre. Ex.: a derrota foi um acidente na sua vida profissional; o súbito temporal provocou terrível acidente no parque.

**Incidente:** episódio; que incide, que ocorre. Ex.: o incidente da demissão já foi superado.

**Afim:** que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco). Ex.: se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?

**A fim de:** para, com a finalidade de. Ex.: o projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência, a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.

**Alto:** de grande extensão vertical; elevado, grande. Ex.: a minha mãe não é alta.

**Auto:** ato público, registro escrito de um ato, peça processual. Ex.: o auto foi registrado.

**Aleatório:** casual, fortuito, acidental. Ex.: nada é aleatório em nossas vidas.

**Alheatório:** que alheia, alienante, que desvia ou perturba. Ex.: o delinquente foi alheatório.

**Amoral:** desprovido de moral, sem senso de moral. Ex.: eu tenho um tio que é amoral.

**Imoral:** contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente. Ex.: a manifestação foi imoral.

**Ante** (preposição): diante de, perante. Ex.: ante tal situação, não teve alternativa.

**Ante-** (prefixo): expressa anterioridade. Ex.: antepor, antever, anteprojecto, antediluviano.

**Anti-** (prefixo): expressa contrariedade. Ex.: anticientífico, antibiótico, anti-higiênico, anti-Marx.

**Ao encontro de:** para junto de; favorável a. Ex.: foi ao encontro dos colegas; o projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.

**De encontro a:** contra; em prejuízo de. Ex.: o carro foi de encontro a um muro; o governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.

#### AO ENCONTRO DE



≠

#### DE ENCONTRO A



Fonte: Shutterstock.

**Ao invés de:** ao contrário de. Ex.: ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte. (Inaceitável o cruzamento \*ao em vez de).

**Em vez de:** em lugar de. Ex.: em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.

**Atuar:** agir, pôr em ação; pressionar. Ex.: o parlamentar não atua há mais de vinte anos.

**Autuar:** lavar um auto; processar. Ex.: o advogado conseguiu levar o réu a autuar.

**Auferir:** obter, receber. Ex.: auferir lucros, vantagens.

**Aferir:** avaliar, cotejar, medir, conferir. Ex.: aferir valores, resultados.

**Caçar:** perseguir, procurar, apanhar. Ex.: na Idade Média, a caça era um costume.

**Cassar:** tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar. Ex.: o mandato do presidente foi cassado.

**Casual:** fortuito, aleatório, ocasional. Ex.: esse aumento de salário foi casual para mim.

**Causal:** causativo, relativo à causa. Ex.: a força vetorial é causal.



Esses termos podem cair numa prova **interdisciplinar**, por exemplo, na disciplina de Física, a 3ª lei de Newton, mais conhecida como a lei da ação e da reação.

**Cavaleiro:** que anda a cavalo, cavalariano. Ex.: eu adoro romance de cavalaria.

**Cavalheiro:** indivíduo distinto, gentil, nobre. Ex.: seja mais cavalheiro nas suas maneiras.

CAVALEIRO



≠

CAVALHEIRO



Fonte: Shutterstock.

**Censo:** alistamento, recenseamento, contagem. Ex.: quando atingir a maioridade, haverá censo.

**Senso:** entendimento, juízo, tino. Ex.: é difícil fugir ao senso comum.

**Cessão:** ato de ceder. Ex.: a cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.

**Seção:** setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão. Ex.: em qual seção do ministério ele trabalha?

**Sessão:** espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa. Ex.: a minha sessão de terapia dura uma hora.

**Cível:** relativo à jurisdição dos tribunais civis. Ex.: o juiz não admitiu o apelo cível.

**Civil:** relativo ao cidadão; cortês, polido (daí civilidade); não militar, nem eclesiástico. Ex.: faz parte do senso civil saber portar-se bem.

**Comprimento:** medida, tamanho, extensão, altura. Ex.: o comprimento do cabelo de minha colega era grande.

**Cumprimento:** ato de cumprir, execução completa; saudação. Ex.: houve muitos cumprimentos na cerimônia.

**Concerto:** acerto, combinação, composição, harmonização (verbo: concertar). Ex.: o concerto de música clássica foi muito bom.

**Conserto:** reparo, remendo, restauração (verbo: consertar). Ex.: certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.

### CONCERTO



≠

### CONSERTO



Fonte: Shutterstock.

**Degradar:** deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar. Ex.: ela se sentiu degradada.

**Degredar:** impor pena de degredo, desterrar, banir. Ex.: o aluno foi degredado da sala.

**Delatar** (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar. Ex.: delação premiada.

**Dilatar** (dilação): alargar, estender; adiar, diferir. Ex.: o metal se dilata com o calor.

**Descrição:** ato de descrever, representação, definição. Ex.: o autor descreveu bem a cena.

**Discrição:** discernimento, reserva, prudência, recato. Ex.: eu gosto de ser discreta.

**Descriminar:** absolver de crime, tirar a culpa de. Ex.: o juiz descriminou o réu.

**Discriminar:** diferenciar, separar, discernir. Ex.: hoje em dia, não se discriminam mais as raças.

**Despercebido:** que não se notou, para o que não se atentou. Ex.: apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.

**Desapercebido:** desprevenido, desacomodado. Ex.: embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.

**Emenda:** correção de falta ou defeito, regeneração, remendo. Ex.: ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.

**Ementa:** apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. Ex.: procuro uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".

**Emergir:** vir à tona, manifestar-se. Ex.: essa fofoca emergiu ontem.

**Imergir:** mergulhar, afundar submergir, entrar. Ex.: o sólido imerge em líquidos.

**Emigrar:** deixar o país para residir em outro. Ex.: eu emigrei para a Europa.

**Imigrar:** entrar em país estrangeiro para nele viver. Ex.: os refugiados são hoje imigrantes.

**Eminente** (eminência): alto, elevado, sublime. Ex.: Vossa Eminência não gosta de ser contrariado.

**Iminente** (iminência): que está prestes a acontecer, próximo. Ex.: a prova está iminente.

**Empoçar:** reter em poço ou poça, formar poça. Ex.: na minha casa, empoçou-se muito.

**Empossar:** dar posse a tomar posse, apoderar-se. Ex.: vocês irão empossar vagas de Medicina.

**Espectador:** aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha. Ex.: o espectador da cena do crime não quis prestar depoimento.

**Expectador:** que tem expectativa, que espera. Ex.: a ansiedade nos torna expectadores.

**Estância:** lugar onde se está, morada, recinto. Ex.: eu conheço uma boa estância no sul.

**Instância:** solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo. Ex.: em última instância, é melhor não agir assim.

**Flagrante:** ardente, acalorado, diz-se do ato em que a pessoa é surpreendida a praticar. Ex.: flagrante delito.

**Fragrante:** que tem fragrância ou perfume; cheiroso. Ex.: meu namorado é muito fragrante.

**Florescente:** que floresce, próspero, viçoso. Ex.: o jardim lá de casa não anda muito florescente.

**Fluorescente:** que tem a propriedade da fluorescência. Ex.: eu comprei uma calça de academia de cor fluorescente.

**Incipiente:** iniciante, principiante. Ex.: alguns de vocês são incipientes nos vestibulares.

**Insipiente:** ignorante, insensato. Ex.: mas não sejam insipientes!

**Inflação:** ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços. Ex.: a inflação no Brasil está muito alta.

**Infração:** ato ou efeito de infringir ou violar uma norma. Ex.: não houve infração nem delito.

**Mandado:** garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa. Ex.: um mandado de segurança, mandado de prisão.

**Mandato:** autorização que alguém confere a outrem praticar atos em seu nome; procuração; delegação. Ex.: o mandato de um deputado, do senador, do presidente.

**Paço:** palácio real ou imperial; a corte. Ex.: o paço municipal foi reformado.

**Passo:** ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa. Ex.: passo dado.

**Pleito:** questão em juízo, demanda, litígio, discussão. Ex.: o pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado.

**Preito:** sujeição, respeito, homenagem. Ex.: os alunos renderam preito ao antigo reitor.

**Por quê:** final da frase. Ex.: ainda não terminou por quê?

**Por que:** equivale a “pelo qual” ou “para que”. Ex.: o túnel por que atravessamos é longo.

**Porque:** indica finalidade e equivale a “pois”, “já que”. Ex.: o caso se agravou porque fugiram.

**Porquê:** representa um substantivo. Ex.: não sei o porquê de isso ter acontecido.

**Prescrever:** fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se. Ex.: o prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.

**Proscrever:** abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. Ex.: o uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do ministro.

**Prever:** ver antecipadamente, profetizar; calcular. Ex.: ele previu o desfecho do caso.

**Prover:** providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo. Ex.: o chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.

**Provir:** originar-se, proceder; resultar. Ex.: a dúvida provém (os erros provêm) da falta de leitura.

**Ratificar:** validar, confirmar, comprovar. Ex.: o tratado de Kyoto foi ratificado.

**Retificar:** corrigir, emendar, alterar. Ex.: a diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.

**Reincidir:** tornar a incidir, recair, repetir. Ex.: não reincida no mesmo erro.

**Rescindir:** dissolver, invalidar, romper, desfazer. Ex.: como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido; eu quero rescindir o meu contrato de aluguel.

**Sanção:** confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir uma infração. Ex.: o delegado impôs a sanção.

**Sansão:** nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste. Ex.: Sansão e Dalila.



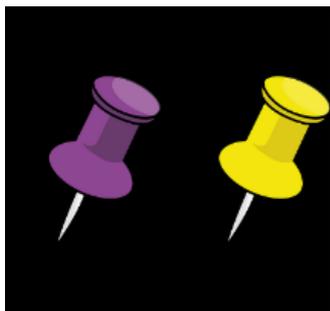
**Subentender:** perceber o que não estava claramente exposto; supor. Ex.: subentender o texto.

**Subintender:** exercer função de subintendente, dirigir. Ex.: ser o subintendente na empresa.

**Subtender:** estender por baixo. Ex.: o trilho subtende-se o trem.

**Tacha:** pequeno prego; mancha, defeito, pecha. Ex.: não quero ser tachada de gorda.

**Taxa:** espécie de tributo, tarifa. Ex.: a taxa era muito cara.



**Tráfego:** trânsito de veículos, percurso, transporte. Ex.: há muito tráfego em São Paulo.

**Tráfico:** negócio ilícito, comércio, negociação. Ex.: o tráfico de drogas no Brasil aumentou.

**Trás:** atrás, detrás, em seguida, após (loquções: de trás, por trás). Ex.: por trás da porta.

**Traz:** 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo trazer. Ex.: ela traz o presente.

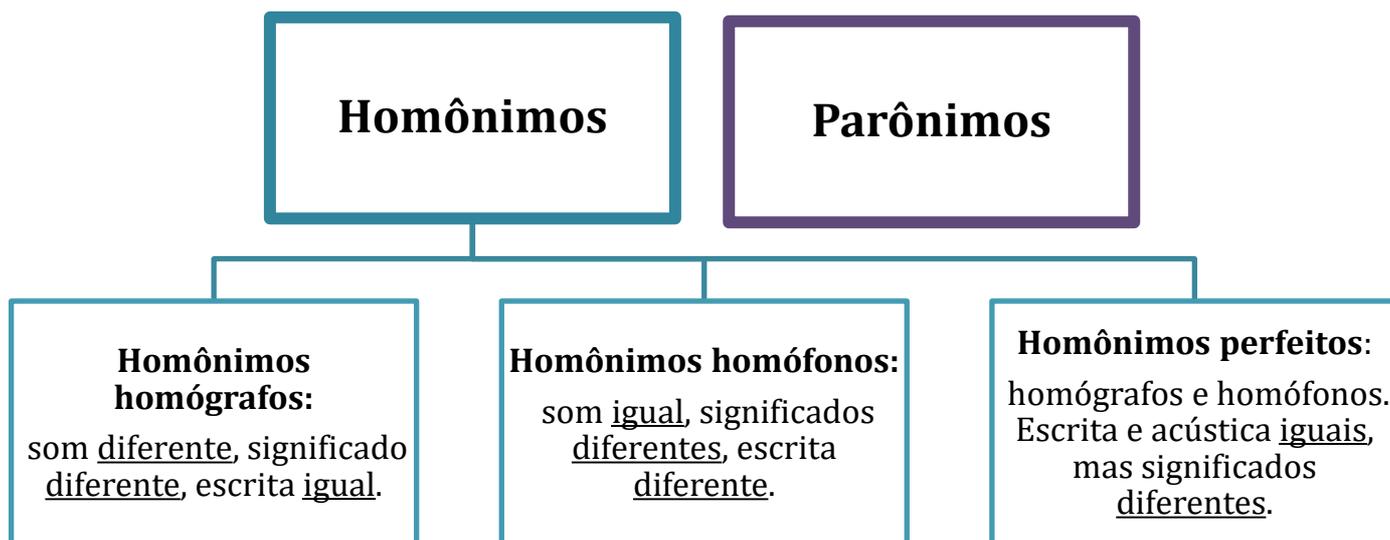


NÃO  
CONFUNDA!

Você não deve se dedicar a decorar essas palavras todas. Esse tópico é um guia para ajudar você nas leituras dos textos das provas.

Quando ficar na dúvida, volte aqui e olhe os significados das palavras.

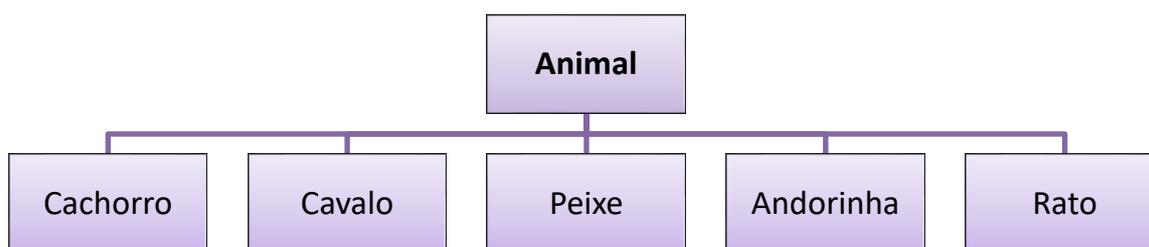
**Quão mais habituado você estiver com as palavras, menos irá confundi-las numa potencial questão de prova ou na hora de interpretar um texto.**



### 3.3 – Hiperônimos/Hipônimos

Termos **hiperônimos** são aqueles que abrangem em si significados mais abrangentes em relação a outros.

Ex.:



**Animal**, portanto, é um hiperônimo, pois pode significar uma série de outras palavras, relacionando-se a elas por terem uma essência semelhante – nesse caso, um conjunto de seres vivos.

Os **hipônimos**, por consequência, são termos que têm significado mais específico em relação a outros. Utilizando-se o exemplo acima, **cachorro**, **cavalo**, **peixe**, **andorinha**, **rato** são hipônimos em relação a **animal**.

Veja outros possíveis exemplos:

HIPERÔNIMO	HIPÔNIMO
<b>Ave</b>	Codorna, galinha, peru, pato, faisão etc.
<b>Acontecimento</b>	Festa, casamento, passeata, reunião etc.
<b>Inseto</b>	Mosca, pernilongo, barata, formiga, besouro etc.
<b>Sufrimento</b>	Dor, tristeza, angústia etc.



Na prova do ITA, muitas vezes você irá encontrar as expressões **Campo lexical** ou **Campo semântico**. São conceitos muito próximos às ideias de Hipônimo e Hiperônimo. Saiba o que esses termos significam.

#### Campo lexical

Grupo de palavras que se referem a um **mesmo referencial**.

Ex.: Campo lexical de “informática”

Computador, sites, programador, memória RAM, hacker, software etc.

#### Campo semântico

Conjunto de sentidos que um **mesmo signo** pode apresentar dependendo do contexto.

Ex.: Campo lexical de “nota”

Dinheiro, aviso, resultado de avaliação, som musical etc.

## 3 – Exercícios

Antes de começar os exercícios, alguns avisos:

- Você encontra aqui exercícios que envolvam questões de semântica e usos da norma culta no geral. A maioria dos exercícios pertence a provas do IME dos últimos 10 anos.
- Pode ser que você já tenha visto alguns exercícios aqui presentes em nosso material anteriormente. Isso é normal. **Muitos exercícios podem ser resolvidos de diferentes maneiras.** Aproveite para fazer os que você porventura não tenha feito no passado.
- O restante dos exercícios pertencem a outros vestibulares, porém semelhantes ao estilo do IME.

Vamos lá?



### 3.1 – Lista de Questões

Texto para as questões 1, 2 E 3

Texto 1

BECOS DE GOIÁS

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce na frincha de teus muros empenados, e a plantinha desvalida, de caule mole que se defende, viceja e floresce no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos.

Burrinhos dos morros, secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra, no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho, pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra, discriminados e humildes, lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.

Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.

Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.

Bequinho da Escola.

Beco do Ouro Fino.

Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.

Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos... mal afamados onde família de conceito não passava.

“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.

De gente de pé no chão.

Becos de mulher perdida.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinadas na sombra triste do beco.

Quarto de porta e janela.

Prostituta anemiada, solitária, hética, engalicada, tossindo, escarrando sangue na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.

Becos de assombração...

Altas horas, mortas horas...

Capitão-mor - alma penada, terror dos soldados, castigado nas armas.

Capitão-mor, alma penada, num cavalo ferrado, chispando fogo,



descendo e subindo o beco,  
comandando o quadrado - feixe de  
varas...  
Arrastando espada, tinindo esporas...  
Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de Polícia - brabeza –  
dava em cima...  
Mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.  
Becos da minha terra...  
Becos de assombração.  
Românticos, pecaminosos...  
Têm poesia e têm drama.

### 1. (IME – 2019)

O valor semântico do vocábulo “errado”, exaltado pela autora no texto 1 em  
“Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.” (versos 29 e 30)  
não se aplica a

- a) paisagem triste (verso 2).
- b) sandália velha (verso 7).
- c) velho cano (verso 12).
- d) Baile Sifilítico (verso 77).
- e) irmão vicentino (verso 98).

### 2. (IME – 2019)

O vocábulo estranho ao campo morfossemântico da palavra “hética” (texto 1, verso 58) é

- a) magra.
- b) consumida.
- c) confinada.
- d) franzina.
- e) definhada.

O drama da mulher da vida, antiga,  
humilhada, malsinada.  
Meretriz venérea,  
desprezada, mesentérica, exangue.  
Cabeça raspada a navalha,  
castigada a palmatória,  
capinando o largo,  
chorando. Golfando sangue.  
(ÚLTIMO ATO)  
Um irmão vicentino comparece.  
Traz uma entrada grátis do São Pedro de  
Alcântara.  
Uma passagem de terceira no grande  
coletivo de São Vicente.  
Uma estação permanente de repouso -  
no aprazível São Miguel.  
Cai o pano.

(CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e  
Estórias Mais*. 21ª ed. - São Paulo: Global Editora,  
2006)

### 3. (IME – 2019)

A respeito do uso do vocábulo “sabidos” (texto 1, verso 21), pode-se afirmar que

- a) indica a “esperteza” dos “burrinhos dos morros” ao optarem por ter suas cargas arrojadas.
- b) confere valor semântico positivo à expressão “burrinhos dos morros”.
- c) compara a escolha dos “burrinhos dos morros” pelas cangalhas à imundície dos “becos antigos”.
- d) estabelece uma ideia contraditória e pejorativa à expressão “burrinhos dos morros”.
- e) reforça o sentido de animal maltratado por seus donos: uma atitude distinta daquela conferida pela voz poética que aparece no primeiro verso da estrofe em questão.

Texto para as questões 4 e 5:

#### DAS VANTAGENS DE SER BOBO

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida.



Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-serbobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

#### 4. (IME – 2018)

Considere as seguintes definições do “bobo” em comparação ao “esperto”, apontadas no texto:

- I. Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída (linha 4).
- II. o bobo é um Dostoievski (linha 9).
- III. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil (linhas 24 e 25).
- IV. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida (linhas 26 e 27).
- V. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie (linha 27). Dentre os pares de adjetivos abaixo listados, qual está em acordo com as definições do “bobo” elencadas acima?

- a) Sagaz - atento.
- b) Rápido – vigilante.
- c) Perspicaz - astuto.
- d) Ágil - enérgico.
- e) Sábio - engenhoso.

#### 5. (IME – 2018)

Sobre as considerações a respeito de ser esperto vs. ser bobo encontradas no texto 2, assinale o par de análises que destoa das considerações feitas pela autora.

- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.



e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

Texto para as questões 6 e 7:

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,  
perdão pra descansar horas a fio,  
sem ao menos sonhar  
a leve palha de um pequeno sonho.  
Quero o que antes da vida  
foi o sono profundo das espécies,  
a graça de um estado.  
Semente.  
Muito mais que raízes.

*PRADO, Adélia. Exausto. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>. Acesso em 31/07/17.*

### 6. (IME 2018)

O vocábulo raízes (verso 9) se contrapõe a

- a) semente
- b) palha de um pequeno sonho.
- c) horas a fio.
- d) licença
- e) perdão

### 7. (IME – 2018)

Qual das palavras a seguir substituindo a palavra semente no verso 8, acarretaria mudança de sentido?

- a) origem
- b) grão
- c) princípio
- d) vida
- e) início

### 8. (IME -2017)

O HOMEM: AS VIAGENS  
Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,



faz um foguete, uma cápsula, um  
módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua

Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

Vamos para Marte – ordena a sua  
máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em  
Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?

Claro – diz o engenho  
s sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
Idem  
Idem  
idem.

O homem funde a cuca se não for a  
Júpiter

Assinale a alternativa em que a substituição da palavra **perene** (verso 61) acarretaria mudança de sentido:

- a) constante;
- b) permanente;
- c) contínua;

proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras  
colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tiver?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangelosíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimdo em suas próprias  
inexploradas entranhas  
a **perene**, insuspeitada alegria  
de con-viver.

*ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19  
livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José  
Olympio, 1978, pp. 448-450.*



- d) eterna;
- e) frequente

Textos para as questões 9 e 10

### Texto 1

#### CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a



ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

*RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em 22/04/2015.*

## Texto 2

### PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.  
Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.  
Já o verme — este operário das ruínas —  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,  
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!



### 9. (IME - 2016)

Acerca do vocábulo “categorizações” (3º parágrafo) e da expressão “marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo” (5º parágrafo), podemos afirmar que

I. o vocábulo “categorizações” refere-se a “componentes anti-idade” e “microcápsulas que ajudam a sua pele a ter mais firmeza em oito dias”.

II. a expressão “marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo” traz a ideia de verdade questionável.

III. o vocábulo “categorizações” retoma as noções de “público específico” e “senso comum”.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) I e II
- e) III apenas.

### 10. (IME – 2016)

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

I - Sylvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)

II - “ (...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)

III - Sylvania concorda e diz que (...) a verdade suprema é **estanque**. (...) Texto 1, 3º parágrafo)

IV - Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto 2, verso 2)

- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
- b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
- c) vestígio – modelo – importante – trevas;
- d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
- e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

### 11. (IME – 2015)

O QUASE

(Sarah Westphal Batista da Silva)



Ainda pior que a convicção do não, e a incerteza do talvez, é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu ainda está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas ideias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor, não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos na frouxidão dos abraços, na indiferença dos “Bom Dia” quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até para ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai. Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência, porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

*Disp. em: <[www.pensador.uol.com.br](http://www.pensador.uol.com.br)>. Acesso em: 29 Abr 2014.*

Indique o par de vocábulos que se enquadra num mesmo campo semântico, de acordo com o texto.

- a) ondas / nublados (2º parágrafo; 2º parágrafo).
- b) outono / morna (1º parágrafo; 2º parágrafo).
- c) cinza / alma (2º parágrafo; 3º parágrafo).
- d) não / talvez (1º parágrafo, linha 1; 1º parágrafo).
- e) destino / você (3º parágrafo; 3º parágrafo).

## 12. (IME – 2015)

Texto 1

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:



— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

*Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.*

## Texto 2

### AUTOSSABOTAGEM: O MEDO DE SER FELIZ

(Raphaela de Campos Mello – Outubro de 2012)

A cada passo dado você sente que a felicidade se afasta alguns metros? Talvez esteja, inconscientemente, queimando chances de se realizar. Repense as próprias atitudes para interromper esse ciclo destrutivo.

Por medo dos riscos e das responsabilidades da vida, podemos acabar inconscientemente com as nossas realizações. Isso se chama autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.

Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial ou da gripe que a pegou na véspera daquela importante reunião.

"Muitos desses comportamentos destrutivos estão quase fora do domínio da consciência", afirma o psicólogo americano Stanley Rosner, coautor do livro O Ciclo da AutoSabotagem – Por Que Repetimos Atitudes que Destroem Nossos Relacionamentos e Nos Fazem Sofrer (ed. BestSeller).

"A autonomia, a independência e o sucesso são apavorantes para algumas pessoas porque indicam que elas não poderão mais argumentar que suas necessidades precisam ser protegidas", diz o autor.

O filósofo e psicanalista paulista Arthur Meucci, coautor de A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida (ed. Vozes) comenta sobre os ganhos secundários. "Há jovens que saem de casa para tentar a vida, enquanto outros permanecem na zona de conforto, porque continuam recebendo atenção dos pais e se eximem de enfrentar as dificuldades da fase adulta", afirma.

O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. "Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades", diz ele.

*Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/autossabotagem-o-medo-deser-feliz.>> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014*

Os termos “Consoada” (texto 1, título) e “se eximem” (texto 2; 6º parágrafo) podem significar, respectivamente:

- a) pequena refeição tomada à noite / isentam-se.
- b) pequena refeição tomada à noite / aprimoram-se.



- c) tipo de panela / desobrigam-se.
- d) tipo de panela / aperfeiçoam-se.
- e) tipo de panela / superam-se

### 13. (IME - 2014)

Poesia Matemática  
Millôr Fernandes

1 Às folhas tantas  
2 do livro matemático  
3 um Quociente apaixonou-se  
4 um dia  
5 doidamente  
6 por uma Incógnita.  
7 Olhou-a com seu olhar inumerável  
8 e viu-a do ápice \_\_ base  
9 uma figura ímpar;  
10 olhos romboides, boca trapezoide,  
11 corpo retangular, seios esferoides.  
12 Fez de sua uma vida  
13 paralela à dela  
14 até que se encontraram  
15 no infinito.  
16 "Quem és tu?", indagou ele  
17 em ânsia radical.  
18 "Sou a soma do quadrado dos  
catetos.  
19 Mas pode me chamar de  
Hipotenusa."  
20 E de falarem descobriram que eram  
21 (o que em aritmética corresponde  
22 a almas irmãs)  
23 primos entre si.  
24 E assim se amaram  
25 ao quadrado da velocidade da luz  
26 numa sexta potenciação  
27 traçando  
28 ao sabor do momento  
29 e da paixão  
30 retas, curvas, círculos e linhas  
senoidais  
31 nos jardins da quarta dimensão.  
32 Escandalizaram os ortodoxos das  
fórmulas euclidiana

33 e os exegetas do Universo Finito.  
34 Romperam convenções newtonianas  
e pitagóricas.  
35 E enfim resolveram se casar  
36 constituir um lar,  
37 mais que um lar,  
38 um perpendicular.  
39 Convidaram para padrinhos  
40 o Poliedro e a Bissetriz.  
41 E fizeram planos, equações e  
diagramas para o futuro  
42 sonhando com uma felicidade  
43 integral e diferencial.  
44 E se casaram e tiveram uma secante  
e três cones  
45 muito engraçadinhos.  
46 E foram felizes  
47 até aquele dia  
48 em que tudo vira afinal  
49 monotonia.  
50 Foi então que surgiu  
51 O Máximo Divisor Comum  
52 frequentador de círculos  
concêntricos,  
53 viciosos.  
54 Ofereceu-lhe, a ela,  
55 uma grandeza absoluta  
56 e reduziu-a a um denominador  
comum.  
57 Ele, Quociente, percebeu  
58 que com ela não formava mais um  
todo,  
59 uma unidade.  
60 Era o triângulo,  
61 tanto chamado amoroso.  
62 Desse problema ela era uma fração,  
63 a mais ordinária.



64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade  
65 e tudo que era espúrio passou a ser  
66 moralidade

67 como aliás em qualquer  
68 sociedade.

*RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em:  
<[http://www.releituras.com/millor\\_poesia.asp](http://www.releituras.com/millor_poesia.asp)>.  
Acesso em 09/05/2013.*

Assinale a opção que apresenta o par de definições adequadas às palavras “ortodoxos” (v. 32) e “espúrio” (v. 65), respectivamente.

- a) Que segue rigorosamente uma tradição ou norma; ilegítimo.
- b) Que se atém à geometria; falso.
- c) Que respeita os princípios matemáticos básicos; autêntico.
- d) Que prefere a matemática às letras; desonesto.
- e) Que se atém à lei e ao padrão; genuíno.

Texto para as questões 14, 15 e 16

#### A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisséia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre



o termo indiano para o zero, que é shúnya”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, shúnya significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, shúnya refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo shúnya – que, em árabe, se tornou shifr e foi latinizado para zephirum, depois zéfiro, zefro e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse

essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4\_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. 4 Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz



Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ( $1 - 1 = 0$ ). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero ( $0 \times 4 = 0$ ). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ( $0 \div 3 = 0$ ), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (*Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa*), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.  
(ADAPTADO)

#### 14. (IME – 2013)

“Se essa **dialética** parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo”. (3º parágrafo)

A ideia contida no trecho acima, sobretudo na palavra em destaque, encontra-se nos fragmentos abaixo, referentes ao texto 5, exceto em:

- “Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo” (3º parágrafo).
- “o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido” (13º parágrafo).
- “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada” (13º parágrafo).
- “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang” (16º parágrafo).



e) “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele” (16º parágrafo).

### 15. (IME – 2013)

Segundo o texto, “O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não existente, nulo” (3º parágrafo). Marque a alternativa que apresente uma ideia distinta daquela a que se associou o substantivo “zero” ao longo dos tempos:

- a) tenebrosidade
- b) insensibilidade
- c) divindade
- d) atratividade
- e) subversividade

### 16. (IME – 2013)

“Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inócuo**” (2º parágrafo, texto I). O adjetivo em destaque pode ser substituído, **sem mudança de sentido**, por:

- a) inofensivo
- b) indecente
- c) insolente
- d) inabalável
- e) inábil

### 17. (IME – 2012)

Paciência

Composição : Lenine e Dudu Falcão

- (1) Mesmo quando tudo pede
- (2) Um pouco mais de calma
- (3) Até quando o corpo pede
- (4) Um pouco mais de alma
- (5) A vida não para...
- (6) Enquanto o tempo
- (7) Acelera e pede pressa
- (8) Eu me recuso, faço hora
- (9) Vou na valsa
- (10) A vida tão rara...
- (11) Enquanto todo mundo
- (12) Espera a cura do mal

- (13) E a loucura finge
- (14) Que isso tudo é normal
- (15) Eu finjo ter paciência...
- (16) O mundo vai girando
- (17) Cada vez mais veloz
- (18) A gente espera do mundo
- (19) E o mundo espera de nós
- (20) Um pouco mais de paciência...
- (21) Será que é tempo
- (22) Que lhe falta para perceber?
- (23) Será que temos esse tempo
- (24) Para perder?
- (25) E quem quer saber?
- (26) A vida é tão rara



- (27) Tão rara...  
(28) Mesmo quando tudo pede  
(29) Um pouco mais de calma  
(30) Até quando o corpo pede  
(31) Um pouco mais de alma  
(32) Eu sei, a vida não para  
(33) A vida não para, não...  
(34) Será que é tempo  
(35) Que lhe falta para perceber?  
(36) Será que temos esse tempo  
(37) Para perder?  
(38) E quem quer saber?
- (39) A vida é tão rara  
(40) Tão rara...  
(41) Mesmo quando tudo pede  
(42) Um pouco mais de calma  
(43) Até quando o corpo pede  
(44) Um pouco mais de alma  
(45) Eu sei, a vida não para  
(46) A vida não para...  
(47) A vida não para...

*Disponível*

*em: <<http://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>> Acesso em 01 jun 11.*

Assinale a opção em que as palavras do texto III pertencem ao mesmo campo semântico:

- a) veloz (v.17), pressa (v.7), calma (v.2) e corpo (v.3);  
b) paciência (v.15), calma (v.2), pressa (v.7) e cura (v.12);  
c) tempo (v.6), calma (v.2), veloz (v.17) e alma (v.4);  
d) veloz (v.17), pressa (v.7), calma (v.2) e tempo (v.6);  
e) veloz (v.17), calma (v.2), loucura (v.13) e paciência (v.15).

## 18. (IME – 2011)

### JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE

O poeta e engenheiro Joaquim de Sousa Andrade nasceu em Alcântara, Maranhão, em 1833. De família abonada, viajou muito desde jovem, percorrendo inúmeros países europeus. Formou-se em Engenharia de Minas e em Letras pela Sorbonne. Em 1884, lançou a versão definitiva de seu *O Guesa*, obra radical e renovadora. Morreu abandonado e com fama de louco.

Considerado em sua época um escritor extravagante, Sousândrade, como preferia ser identificado, acaba reabilitado pela vanguarda paulistana (os concretistas) como um caso de "antecipação genial" da livre expressão modernista. Criador de uma linguagem dominada pela elipse, por orações reduzidas e fusões vocabulares, foge do discurso derramado dos românticos. Cosmopolita, o escritor deixou quadros curiosos como a descrição do Inferno de Wall Street, no qual vê o capitalismo como doença.

Sua obra mais perturbadora é *O Guesa*, poema em treze cantos, dos quais quatro ficaram inacabados. A base do poema é a lenda indígena do Guesa Errante. O personagem Guesa é uma criança roubada aos pais pelo deus do Sol e educado no templo da divindade até os 10 anos, sendo sacrificado aos 15 anos.

Na condição de poeta maldito, Sousândrade identifica seu destino pessoal com o do jovem índio. Porém, no plano histórico-social, o poeta vê no drama de Guesa o mesmo dos povos



aborígenes da América, condenando as formas de opressão dos colonialistas e defendendo uma república utópica.

#### O Guesa (fragmento)

O sol ao pôr-do-sol (triste soslaio!)...o arroio  
Em pedras estendido, em seus soluços  
Desmaia o céu d'estrelas arenoso  
E o lago anila seus lençóis d'espelho...  
Era a Ilha do Sol, sempre florida  
Ferrete-azul, o céu, brando o ar pureza  
E as vias-lácteas sendas odorantes  
Alvas, tão alvas!... Sonoros mares, a onda  
d'esmeralda  
Pelo areal rolando luminosa...  
As velas todas-chamas aclaram todo o ar.

GONZAGA, S. *Literatura Brasileira. Disp. em: <<http://www.educatererra.terra.com.br>> (Texto adaptado). Acesso em: 14 jun. 2010.*

Em qual das opções abaixo todas as palavras remetem ao mesmo campo semântico?

- a) sol, estrelas, aclaram, luminosa, soslaio.
- b) sol, aclaram, luminosa, alvas, arroio.
- c) sol, céu, todas-chamas, aclaram, brando.
- d) sol, pôr-do-sol, estrelas, alvas, sendas.
- e) vias-lácteas, todas-chamas, aclaram, alvas, luminosa.

#### 19. (IME – 2010)

José de Anchieta, jesuíta hispano-brasileiro.

UOL Educação. José de Anchieta, Jesuíta hispano-brasileiro. Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u421.jhtm>> Capturado em 18.05.09.

José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo. O pai era um nobre basco, e a mãe, uma judia conversa. Aos 14 anos foi estudar em Coimbra (Portugal). Sentia a vocação religiosa e, em 1551, foi admitido como noviço no colégio jesuíta da Universidade de Coimbra.

Em 1553, com 19 anos, foi convidado a vir para o Brasil como missionário, acompanhando Duarte da Costa, o segundo governador-geral nomeado pela Coroa. No comecinho de 1554, chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.

No mesmo ano, junto com o jesuíta português Manuel da Nóbrega, subiu a serra do Mar até o planalto que os índios denominavam Piratininga, ao longo do rio Tietê. Os dois missionários estabeleceram um pequeno colégio, e, em 25 de janeiro de 1554, celebrou-se ali a primeira missa. Anchieta começou o trabalho de conversão, batismo e catequese.



Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente. Na catequese, usava o teatro e a poesia, tornando a aprendizagem um processo prazeroso. Ensinou latim aos índios, aprendeu tupi-guarani com eles e (seguindo a tradição missionária, que mandava assimilar e registrar os idiomas) escreveu a "Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra em 1595.

O colégio de São Paulo de Piratininga, como era chamado, logo expandiu seu núcleo. Mas, ao longo do litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, as tribos formaram uma aliança (conhecida como Confederação dos Tamoios) que atacou São Paulo diversas vezes entre 1562 e 1564.

Anchieta e Nóbrega tiveram um conflito com Duarte da Costa e decidiram iniciar as negociações de paz com os tamoios em Iperoig (hoje Ubatuba). Anchieta, falando tupi-guarani e viajando por toda aquela costa, foi crucial para ganhar a confiança dos índios, e, após muitos incidentes, estabeleceu-se a paz entre tamoios, tupinambás e portugueses. Nessa época, Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.

Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A relação que se estabelece no quarto parágrafo, entre "Ensinou", "aprendeu" e "seguindo" sugere PRINCIPALMENTE

- a) confiança.
- b) tolerância.
- c) inquietação.
- d) dedicação.
- e) paciência.

## 20. (IME – 2010)

### Retirantes da educação

MARCH, Rodrigo. Retirantes da educação. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que cruzou 4.521 quilômetros de Brasil, superando uma série de dificuldades, para fazer uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

Eles estão aproveitando um convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói. Onze fazem mestrado e uma,



doutorado. Todos em educação — mesmo as faculdades particulares do Acre não têm curso de pós-graduação nessa área. Nove deles dividem a mesma casa em São Domingos, Niterói, como num Big Brother, só que sem conforto algum. Para se ter uma ideia, a TV foi emprestada por uma colega de curso, e quase todos dormem em colchonetes. Apesar da proximidade à Faculdade de Educação da UFF, só andam em grupos: por insegurança, sensação que ainda não tinham experimentado.

O périplo deles começou antes mesmo de a parceria com a UFF ser fechada, já que eles já tinham tentado convênios com outras instituições, mas que não possuíam cursos com nota cinco de avaliação, uma determinação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da qual são bolsistas. Foram oferecidas 15 vagas no mestrado, porém, dos 19 inscritos, só 11 foram aprovados. No doutorado, apenas três se inscreveram, mas só uma passou na seleção.

A dificuldade seguinte foi encontrar uma casa para alugar em Niterói. A professora de letras Sâmia El-Hassani, de 46 anos, veio 15 dias antes para tentar resolver o problema. O marido dela, Dalbi D'Ávila, também é de letras e faz o mestrado. Trouxeram os filhos, que foram matriculados numa escola.

— Niterói não aluga imóvel por temporada, pelo menos na área do Centro e da Zona Sul — observa Sâmia, que também achou os preços altíssimos.

Com muito custo — e também por falta de opção —, eles conseguiram uma casa que estava à venda, mas que sequer tinha torneiras. O dono aceitou fazer um contrato de três meses com pagamento antecipado de R\$ 6.800,00 enquanto não acha um comprador. Mas eles vão precisar renovar por mais um mês, já que estarão na cidade até 17 de julho — no segundo semestre, os professores da UFF vão ao Acre dar as aulas, sendo que ano que vem, o vaivém se repete, pois o curso de mestrado é de dois anos.

O campo semântico relacionado à palavra “périplo” (linha 16) é

- a) sacrifício, percalço, busca, esforço.
- b) pesquisa, objetivos, concurso, insatisfação.
- c) vitória, UFF, cansaço, inseguranças.
- d) convênio, salas de aula, seleção, conquistas.
- e) vítimas, nota cinco, CAPES, alcance.

## 21. (IME – 2010)

Padre Fernão Cardim

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala – Introdução à história da sociedade colonial no Brasil – Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1993, 20a ed.

É certo que o Padre Fernão Cardim, nos seus Tratados, está sempre a falar da fartura de carne, de aves e até de frutas com que foi recebido por toda parte no Brasil do séc. XVI, entre os homens ricos e os colégios de padres.



Mas de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitador, recebido nos engenhos e colégios com festas e jantares excepcionais. Era um personagem a quem todo agrado que fizessem os colonos era pouco: a boa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitos macios dos grandes senhores de escravos talvez atenuasse a péssima, a vida dissoluta que todos eles levavam nos engenhos de açúcar: “os peccados que se cometem nelles (nos engenhos) não tem conta: quase todos andam amancebados por causa das muitas occasioes; bem cheio de peccados via esse doce por que tanto fazem; grande é a peciencia de Deus que tanto soffre”.

Considere o trecho abaixo.

“...a boa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitos macios dos grandes senhores de escravos talvez atenuasse a péssima, a vida dissoluta que todos eles **levavam** nos engenhos de açúcar.” (linha 6).

Podemos afirmar que a forma verbal “levavam” é sinônimo de

- a) sentiam.
- b) deixavam-se dominar.
- c) tinham.
- d) exibiam.
- e) encaravam

## 22. (IME - 2009)

### Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.



As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

*Disponível em [www.culturajaponesa.com.br](http://www.culturajaponesa.com.br) (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.*

De acordo com o texto, “dekassegui” significa:

- a) descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão.
- b) integrantes da família japonesa que permaneciam no Brasil para prosseguir os estudos e administrar os negócios.
- c) universitários brasileiros descendentes de japoneses que voltaram ao Japão para o trabalho pesado.
- d) nisseis de famílias agrícolas que procuravam novas oportunidades em países estrangeiros.
- e) Cotia Seinen que imigrava através da Cooperativa de Cotia.

### 23. (ITA – 2018)

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno



moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida, não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. *VARELLA, D. A arte de envelhecer. Adaptado. Disponível em Acesso em: mai. 2017.*

Ao fazer alusão a “um vale de lágrimas” (parágrafo 9), o autor

- retrata a velhice como a melhor fase da vida.
- compara juventude e velhice como processos naturais e contínuos.
- diferencia estar velho fisicamente e sentir-se velho.



- d) caracteriza a velhice com a fase de maior busca religiosa.
- e) critica determinada visão acerca do fim da juventude.

#### 24. (ITA - 2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. *Imigração*. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)



No trecho, *Tudo gente para o asfalto*, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.

II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.

III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.

IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

a) I e II.

b) I, II e IV.

c) I e III.

d) II, III, IV.

e) III e IV.

## 25. (ITA - 2015)

Leia os dois excertos de entrevistas com dois africanos de Guiné-Bissau, que foram universitários no Brasil nos anos 1980.

**Excerto 1:** Para muitas pessoas, mesmo professores universitários, a África era um país. “Ah, você veio de onde? Da África?” “Sim, da Guiné-Bissau.” “Ah, Guiné-Bissau, região da África.” Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

**Excerto 2:** Porque a novela passa tudo de bom, o pobre vive bem, né? Mesmo dentro da favela, você vê aquela casa bonitinha, tal. Então tinha uma ideia, eu, pelo menos, tinha uma ideia de um Brasil... quer dizer, fantástico!

*(Extraídos do curta-metragem Identidades em trânsito, de Daniele Ellery e Márcio Câmara. Disponível em: <http://portacurtas.org.br>)*

A visão de alguns brasileiros sobre Guiné-Bissau, segundo um guineense (Excerto 1), assim como a de um outro guineense sobre o Brasil (Excerto 2) é

a) idealizada.

b) pessimista.

c) equivocada.

d) antropocêntrica.

e) utilitarista.

Texto para as questões 26 e 27

Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o *site* do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar *on-line*. *Call on*OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, *e-mail* e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no *site*, mas aí nem o *site* nem o OpenTable podiam modificar a reserva *on-line*, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários *e-mails* que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que *ranking* de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em *sites* e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores *on-line*.

(Marion Strecker. *Folha de S. Paulo*, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(\*) *Start-up*: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

## 26. (ITA - 2013)

Assinale a opção em que no trecho selecionado **NÃO** se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- a) Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos.
- b) Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares.
- c) Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão.
- d) Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...].
- e) Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

## 27. (ITA – 2013)

O aspecto da noção de *sistema* criticado no texto diz respeito

- a) à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- b) ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- c) aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- d) à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- e) à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.

## 28. (ITA - 2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro.



Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

Do título do texto, *Meio ambiente urbano: o barato de andar a pé*, **NÃO** se pode depreender que andar a pé é mais

- I. prazeroso.
- II. econômico.
- III. divertido.
- IV. frequente.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e III.
- c) apenas I e III e IV.
- d) apenas II e IV.
- e) apenas II, III e IV.

## 29. (ITA - 2010)

Foi tão grande e variado o número de e-mails, telefonemas e abordagens pessoais que recebi depois de escrever que família deveria ser careta, que resolvi voltar ao assunto, para alegria dos que gostaram e náusea dos que não concordaram ou não entenderam (ai da unanimidade, mãe dos medíocres). Atenção: na minha coluna não usei “carea” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, mas humano, aberto, atento, cuidadoso. Obviamente empreguei esse termo de propósito, para enfatizar o que desejava.

Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais. Pensei em responder que minha opinião sobre família nada tem a ver com postura política, eu que me considero um animal apolítico no sentido de partido ou de conceitos superados, como “a esquerda é inteligente e boa, a direita é grossa e arrogante”. Mas, na verdade, tudo o que fazemos, até a forma como nos vestimos e moramos, é altamente político, no sentido amplo de interesse no justo e no bom, e coerência com isso.

E assim, sem me pensar de direita ou de esquerda, por ser interessada na minha comunidade, no meu país, no outro em geral, em tudo o que faço e escrevo (também na ficção), mostro que sou pelos desvalidos. Não apenas no sentido econômico, mas emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.

O que tem isso a ver com minha ideia de família? Tem a ver, porque é nela que tudo começa, embora não seja restrito a ela. Pois muito se confunde família frouxa (o que significa sem atenção), descuidada (o que significa sem amor), desorganizada (o que significa aflição estéril) com o politicamente correto. Diga-se de passagem que acho o politicamente correto burro e fascista.



Voltando à família: acredito profundamente que ter filho é ser responsável, que educar filho é observar, apoiar, dar colo de mãe e ombro de pai, quando preciso. E é também deixar aquele ser humano crescer e desabrochar. Não solto, não desorientado e desamparado, mas amado com verdade e sensatez. Respeitado e cuidado, num equilíbrio amoroso dessas duas coisas. Vão me perguntar o que é esse equilíbrio, e terei de responder que cada um sabe o que é, ou sabe qual é seu equilíbrio possível. Quem não souber que não tenha filhos.

Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes. Eventualmente, quando há suspeita séria de perigos como drogas, a relação familiar pode virar um campo de graves conflitos, e muita coisa antes impensável passa a se justificar. Deixar inteiramente à vontade um filho com problema de drogas é trágica omissão.

Assim como não considero bons pais ou mães os cobradores ou policiaiscos, também não acho que os do tipo “amiguinho” sejam muito bons pais. Repito: pais que não sabem onde estão seus filhos de 12 ou 14 anos, que nunca se interessaram pelo que acontece nas festinhas (mesmo infantis), que não conhecem nomes de amigos ou da família com quem seus filhos passam fins de semana (não me refiro a nomes importantes, mas a seres humanos confiáveis), que nada sabem de sua vida escolar, estão sendo tragicamente irresponsáveis. Pais que não arranjam tempo para estar com os filhos, para saber deles, para conversar com eles... não tenham filhos. Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife. O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes. Perdoem-me os pais que se queixam (são tantos!) de que os filhos são um fardo, de que falta tempo, falta dinheiro, falta paciência e falta entendimento do que se passa – receio que o fardo, o obstáculo e o estorvo a um crescimento saudável dos filhos sejam eles.

Mães que se orgulham de vestir a roupeta da filha adolescente, de frequentar os mesmos lugares e até de conquistar os colegas delas são patéticas. Pais que se consideram parceiros apenas porque bancam os garotões, idem. Nada melhor do que uma casa onde se escutam risadas e se curte estar junto, onde reina a liberdade possível. Nada pior do que a falta de uma autoridade amorosa e firme.

O tema é controverso, mas o bom senso, meio fora de moda, é mais importante do que livros e revistas com receitas de como criar filho (como agarrar seu homem, como enlouquecer sua amante...). É no velhíssimo instinto, na observação atenta e na escuta interessada que resta a esperança. Se não podemos evitar desgraças – porque não somos deuses –, é possível preparar melhor esses que amamos para enfrentar seus naturais conflitos, fazendo melhores escolhas vida afora.

*(Lya Luft. Veja, 06/06/2007)*

Pode-se perceber conotação pejorativa em

- a) Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais.
- b) Quem não souber que não tenha filhos.
- c) Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes.



- d) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife.
- e) O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes.

### 30. (FUVEST - 2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

*ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. Piauí, ago. 2018, ed. 143, p. 24.*

De acordo com o texto, o “mito político”

- a) prejudica o entendimento do mundo real.
- b) necessita da abstração do tempo.
- c) depende da verificação da verdade.
- d) é uma fantasia desvinculada da realidade.
- e) atende a situações concretas.

### 31. (Insper - 2019)

Dicas para evitar a disseminação de boatos e notícias falsas

#### 1. Saiba quando uma mensagem é encaminhada

Mensagens com a etiqueta “Encaminhada” ajudam a determinar se seu amigo ou parente escreveu aquela mensagem ou se ela veio originalmente de outra pessoa.

#### 2. Verifique fotos e mídia com cuidado

Fotos, áudios e vídeos podem ser editados para enganar você. Procure por fontes de notícias confiáveis para ver se a história está sendo reportada também em outros veículos. Quando uma notícia é reportada em vários canais confiáveis, é mais provável que ela seja verdadeira.

#### 3. Fique atento a mensagens que parecem estranhas

Muitas mensagens ou links para sites que contêm boatos ou notícias falsas apresentam erros de português. Procure por esses sinais para verificar se a informação é confiável.

#### 4. Esteja atento a preconceitos e influências

Histórias que parecem difíceis de acreditar são, em sua maioria, realmente falsas.

#### 5. Notícias falsas frequentemente viralizam



Não encaminhe uma mensagem só porque o remetente está lhe pedindo para fazer isso.

## 6. Verifique outras fontes

Se você ainda não tem certeza de que uma mensagem é verdadeira, faça uma busca online por fatos e verifique em sites de notícias confiáveis para ver de onde a história veio.

## 7. Ajude a parar a disseminação

Não compartilhe uma mensagem só porque alguém lhe pediu. Se algum contato ou grupo está enviando notícias falsas constantemente, denuncie-os.

**Importante:** Se você sentir que você ou alguém está em perigo emocional ou físico, por favor, contate as autoridades locais de cumprimento da lei. Essas autoridades são preparadas e equipadas para oferecer assistência nesses casos.

(<https://faq.whatsapp.com/pt>. Adaptado)

Assinale a alternativa em que os termos destacados são recorrentes em textos que tratam de temas relacionados às mídias digitais.

- Ajude a parar a **disseminação**. Verifique outras **fontes**.
- Saiba** quando uma mensagem é encaminhada. Procure por estes **sinais** para verificar se a informação é confiável.
- Notícias falsas frequentemente **viralizam**. Não **compartilhe** uma mensagem só porque alguém lhe pediu.
- Esteja atento a **preconceitos** e influências. Verifique **fotos** e mídia com cuidado.
- Fique atento a mensagens que parecem **estranhas**. Não encaminhe uma **mensagem** só porque o remetente está lhe pedindo para fazer isso.

Texto para as questões 32 e 33:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante riço para pôr ordem à desordem.

*(Contos: uma antologia, 1998.)*

### **32. (UNESP - 2018)**

Em “o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.” (3º parágrafo), a “ação” a que se refere o narrador diz respeito

- a) à fuga dos escravos.
- b) ao contrabando de escravos.
- c) aos castigos físicos aplicados aos escravos.
- d) às repreensões verbais feitas aos escravos.
- e) à emancipação dos escravos.

### **33. (UNESP - 2018)**

No último parágrafo, “pôr ordem à desordem” significa

- a) estimular os proprietários a tratarem seus escravos com menos rigor.
- b) conceder a liberdade aos escravos fugidos.
- c) conceder aos proprietários de escravos fugidos alguma compensação.
- d) abolir a tortura imposta aos escravos fugidos.
- e) restituir os escravos fugidos a seus proprietários.



### 34. (FUVEST - 2014)

Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ TRABALHAMOS COM O MELHOR DA NATUREZA

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte a natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

*www.destakjornal.com.br. 13/05/2013. Adaptado.*

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
- b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
- c) explora o caráter polissêmico das palavras.
- d) mescla as linguagens científica e jornalística.
- e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

### 35. (UNESP - 2014)

Considere a passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

#### *Água-Mãe*

*Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back<sup>1</sup>, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:*

*— Joca, você aqui não paga.*

*Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo center-forward<sup>2</sup> que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.*

1 Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

2 Centroavante.



Com a expressão *fugia das entradas*, no primeiro parágrafo, o narrador sugere que o jogador Joca manifestava em campo:

- a) preguiça.
- b) covardia.
- c) despreparo.
- d) esperteza.
- e) ingenuidade.



## 3.2 - Gabarito

1. E	13. A	25. C
2. C	14. E	26. A
3. B	15. D	27. B
4. E	16. A	28. B
5. D	17. D	29. D
6. A	18. E	30. E
7. D	19. D	31. C
8. E	20. A	32. C
9. C	21. C	33. E
10. D	22. A	34. C
11. B	23. E	35. D
12. A	24. A	



### 3.3 – Questões comentadas

Texto para as questões 1, 2 E 3

Texto 1

BECOS DE GOIÁS

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce na frincha de teus muros empenados, e a plantinha desvalida, de caule mole que se defende, viceja e floresce no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos.

Burrinhos dos morros, secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra, no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho, pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra, discriminados e humildes, lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.

Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.

Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.

Bequinho da Escola.

Beco do Ouro Fino.

Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.

Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos... mal afamados onde família de conceito não passava. "Lugar de gentinha" - diziam, virando a cara.

De gente do pote d'água.

De gente de pé no chão.

Becos de mulher perdida.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinadas na sombra triste do beco.

Quarto de porta e janela.

Prostituta anemiada, solitária, hética, engalicada, tossindo, escarrando sangue na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.

Becos de assombração...

Altas horas, mortas horas...

Capitão-mor - alma penada, terror dos soldados, castigado nas armas.

Capitão-mor, alma penada, num cavalo ferrado, chispando fogo,



descendo e subindo o beco,  
comandando o quadrado - feixe de  
varas...  
Arrastando espada, tinindo esporas...  
Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de Polícia - brabeza –  
dava em cima...  
Mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.  
Becos da minha terra...  
Becos de assombração.  
Românticos, pecaminosos...

### 1. (IME – 2019)

O valor semântico do vocábulo “errado”, exaltado pela autora no texto 1 em  
“Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.” (versos 29 e 30)  
não se aplica a

- a) paisagem triste (verso 2).
- b) sandália velha (verso 7).
- c) velho cano (verso 12).
- d) Baile Sifilítico (verso 77).
- e) irmão vicentino (verso 98).

**Comentários:** Por “errado” entende-se tudo aquilo que não está correto, que está fora de lugar. Assim, seria preciso encontrar uma alternativa que não contivesse nenhum adjetivo que remetesse a essas ideias. A única alternativa que apresenta adjetivo longe dessas ideias é a que contém o termo “irmão vicentino”. “vicentino” é um adjetivo que se refere à religiosos pertencentes à ordem dedicada a São Vicente de Paula. A alternativa incorreta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois o adjetivo “triste” aproxima-se da ideia de infelicidade e, portanto, de algo que não está correto.

A alternativa B está incorreta, pois o adjetivo “velha” associado à “sandália” aproxima-se da ideia de um calçado que já não tem mais utilidade, portanto, de algo que não está correto.

A alternativa C está incorreta, pois o adjetivo “velho” associado a “cano” aproxima-se da ideia de uma estrutura já desgastada, ruim, e, portanto, de algo que não está correto.

Têm poesia e têm drama.  
O drama da mulher da vida, antiga,  
humilhada, malsinada.  
Meretriz venérea,  
desprezada, mesentérica, exangue.  
Cabeça raspada a navalha,  
castigada a palmatória,  
capinando o largo,  
chorando. Golfando sangue.  
(ÚLTIMO ATO)  
Um irmão vicentino comparece.  
Traz uma entrada grátis do São Pedro de  
Alcântara.  
Uma passagem de terceira no grande  
coletivo de São Vicente.  
Uma estação permanente de repouso -  
no aprazível São Miguel.  
Cai o pano.

(CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006)

A alternativa D está incorreta, pois o adjetivo “Sifilítico” refere-se a “sífilis”, uma doença sexualmente transmissível. Por ser uma doenças, aproxima-se da ideia de “erro”.

**Gabarito: E**

---

**2. (IME – 2019)**

O vocábulo estranho ao campo morfossemântico da palavra “hética” (texto 1, verso 58) é

- a) magra.
- b) consumida.
- c) confinada.
- d) franzina.
- e) definhada.

**Comentários:** Essa palavra aparece no seguinte contexto:

“Prostituta anemiada,  
solitária, hética, engalicada,  
tossindo, escarrando sangue  
na umidade suja do beco.”

Essa descrição permite compreender que a prostituta sofre de alguma doença pulmonar (tossindo), possivelmente tuberculose, cuja principal característica é “escarrar sangue”. Assim, o aluno precisaria encontrar qual palavra não faz parte desse campo semântico da doença, do físico debilitado. A única palavra que não remete a essa ideia é “confinada”, que significa alguém que está preso em algum lugar ou a alguma circunstância.

**Gabarito: C**

---

**3. (IME – 2019)**

A respeito do uso do vocábulo “sabidos” (texto 1, verso 21), pode-se afirmar que

- a) indica a “esperteza” dos “burrinhos dos morros” ao optarem por ter suas cargas arrochadas.
- b) confere valor semântico positivo à expressão “burrinhos dos morros”.
- c) compara a escolha dos “burrinhos dos morros” pelas cangalhas à imundície dos “becos antigos”.
- d) estabelece uma ideia contraditória e pejorativa à expressão “burrinhos dos morros”.
- e) reforça o sentido de animal maltratado por seus donos: uma atitude distinta daquela conferida pela voz poética que aparece no primeiro verso da estrofe em questão.

**Comentários:** O trecho a que a questão se refere é:

“Amo esses burros-de-lenha  
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,  
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.  
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,  
no range-range das cangalhas.”

Realizando-se a análise sintática, “sabidos” faz parte de uma enumeração de adjetivos que se referem a “Burrinhos dos morros”, presente na frase anterior. “sabido” é uma pessoa que conhece muito sobre algum assunto ou alguma situação. Sendo utilizada em seu sentido do dicionário, como ocorre aqui, tem valor positivo, elogioso. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois os burrinhos não escolhem suas cargas. Elas lhe são dadas por seus donos. Além disso, não seria uma atitude esperta optar por carregar mais coisas, já que “arrochada” significa cheia até quase acima do limite.

A alternativa C está incorreta, pois “cangalha” é o nome que se dá à armação que sustenta a carga que os animais carregam. Há apenas uma descrição do som que esse objeto faz enquanto os animais caminham, não uma comparação com o caminho que eles seguem.

A alternativa D está incorreta, pois a característica é vista como positiva, não negativa: espertos, os burrinhos procuram a sombra.

A alternativa E está incorreta, pois “sabidos” não reforça a ideia da exploração dos animais, mas sim a estratégia do animal para lidar com o trabalho.

**Gabarito: B**

Texto para as questões 4 e 5:

#### DAS VANTAGENS DE SER BOBO

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.



O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-serbobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

#### 4. (IME – 2018)

Considere as seguintes definições do “bobo” em comparação ao “esperto”, apontadas no texto:

- I. Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída (linha 4).
- II. o bobo é um Dostoiévski (linha 9).
- III. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil (linhas 24 e 25).
- IV. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida (linhas 26 e 27).
- V. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie (linha 27). Dentre os pares de adjetivos abaixo listados, qual está em acordo com as definições do “bobo” elencadas acima?
  - a) Sagaz - atento.
  - b) Rápido – vigilante.
  - c) Perspicaz - astuto.
  - d) Ágil - enérgico.
  - e) Sábio - engenhoso.

**Comentários:** No item V., a autora expõe uma das características principais do bobo: ele “sabe”, mesmo que não precise contar ou demonstrar a ninguém esse traço. Portanto, fica claro que o bobo é uma pessoa com **sabedoria**. Outra característica forte do bobo, exposta no item III., é sua criatividade. Uma pessoa criativa é alguém capaz de encontrar soluções inesperadas e **inovadoras** para as situações. A alternativa que apresenta palavras que representam melhor esse traço são, respectivamente, “Sábio” e “engenhoso”, na alternativa E.

Algumas palavras não podem se encaixar nessa descrição:

Na alternativa A, “atento”, que significa atencioso, característica inexistente no texto.

Na alternativa B, “rápido”, que significa veloz, característica inexistente no texto.

Na alternativa C, “astuto”, que é um sinônimo para esperto e, portanto, não se aplica ao bobo.



Na alternativa D, “ágil”, que significa rápido, característica inexistente no texto.

**Gabarito: E**

---

**5. (IME – 2018)**

Sobre as considerações a respeito de ser esperto vs. ser bobo encontradas no texto 2, assinale o par de análises que destoa das considerações feitas pela autora.

- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.
- e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

**Comentários:** No último parágrafo do texto, a autora faz referência à relação que o bobo tem com o amor em “o amor faz o bobo”. Por isso, não é possível dizer que o coração do bobo é pouco acessível. A alternativa que apresenta par de análises que destoa é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois essa é a relação estabelecida ao longo do texto: o esperto se esforça para vencer enquanto o bobo só age naturalmente.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos tendem a conseguir o que querem pela audácia, enquanto os bobos, por confiarem demais, podem ser enganados.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois o texto afirma que o esperto está sempre elaborando esquemas, enquanto o bobo apenas vive no mundo.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos planejam seus passos, enquanto o bobo faz as coisas espontaneamente.

**Gabarito: D**

---

Texto para as questões 6 e 7:

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,  
perdão pra descansar horas a fio,  
sem ao menos sonhar  
a leve palha de um pequeno sonho.  
Quero o que antes da vida  
foi o sono profundo das espécies,  
a graça de um estado.  
Semente.  
Muito mais que raízes.

## 6. (IME 2018)

O vocábulo raízes (verso 9) se contrapõe a

- a) semente
- b) palha de um pequeno sonho.
- c) horas a fio.
- d) licença
- e) perdão

**Comentários:** Há dois modos de responder a essa questão:

- A construção “Semente. Muito mais que raízes.” Já denota que “semente” e “raízes” são opostos, já que são contrapostos pela expressão “muito mais”.

- Uma semente é uma ideia em potencial, ou seja, ela contém dentro de si possibilidades de crescimento e surgimento de uma planta; já uma raiz é algo estabelecido, fixado, seguro. São significados opostos: o que pode vir a ser algo e o que já é algo.

De todo modo, a alternativa que apresenta vocábulo oposto a raízes é “semente”, alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois “palha de um pequeno sonho” é o desejo da voz poética: dormir tão pesado sem sequer sonhar. Não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa C está incorreta, pois “horas a fio” é a duração que a voz poética deseja descansar: horas a fio é uma expressão para “muitas horas”. Não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa D está incorreta, pois “licença” é um sinônimo para “autorização”, não se opõe à ideia de raízes.

A alternativa E está incorreta, pois “perdão” é um sinônimo contextual para “autorização”. Aqui significa que a voz poética quer autorização para descansar. Não se opõe à ideia de raízes.

**Gabarito: A**

---

## 7. (IME – 2018)

Qual das palavras a seguir substituindo a palavra semente no verso 8, acarretaria mudança de sentido?

- a) origem
- b) grão
- c) princípio
- d) vida
- e) início

**Comentários:** Uma semente é uma ideia em potencial, ou seja, ela contém dentro de si possibilidades de crescimento e surgimento de uma planta. Uma semente **não é uma vida. Ela é**

**uma vida em potencial, ou seja, pode vir a ser uma vida.** Portanto, a alternativa que apresenta incorreção é alternativa D.

Ela pode ser sinônimo de diversas ideias:

Segundo a alternativa A: “origem”. A planta se origina de uma semente, portanto, podem ser considerados sinônimos.

Segundo a alternativa B: “grão”. A semente de fato é um grão que abriga a planta em formação.

Segundo a alternativa C: “princípio”. O princípio do processo de crescimento de uma planta começa na semente.

Segundo a alternativa E: “início”. Assim como em C, o início do processo de crescimento de uma planta começa na semente.

**Gabarito: D**

## 8. (IME -2017)

### O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um  
módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua

Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

Vamos para Marte – ordena a sua  
máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em  
Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.

Vamos a outra parte?

Claro – diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
Idem  
Idem  
idem.

O homem funde a cuca se não for a  
Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras  
colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora



do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar

civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias  
inexploradas entranhas  
a **perene**, insuspeitada alegria  
de con-viver.

*ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19  
livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José  
Olympio, 1978, pp. 448-450.*

Assinale a alternativa em que a substituição da palavra **perene** (verso 61) acarretaria mudança de sentido:

- a) constante;
- b) permanente;
- c) contínua;
- d) eterna;
- e) frequente

**Comentários:** O contexto em que a palavra destacada se encontra é “descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de con-viver”. Apenas pela leitura da oração seria difícil saber o significado dessa palavra. A melhor alternativa aqui seria observar que o enunciado pede para assinalar a palavra que provocaria “mudança de sentido”, ou seja, a única palavra que nesse contexto não pode ser sinônimo de perene. Assim, é preciso encontrar a única palavra de destoe do conjunto de todas as alternativas. As palavras “permanente”, “contínua” e “eterna” (alternativa B, alternativa C e alternativa D) são todas parte do mesmo campo semântico, ligadas à ideia de algo que se prolonga indefinidamente, por tempo indeterminado, algo que não termina. Tendo em vista que essas três palavras já configuram a maioria das alternativas, seria preciso observar nas outras alternativas qual palavra destoaria da ideia de “eternidade”.

A alternativa A, “constante”, denota maior ideia de eternidade. Algo constante é algo invariável, contínuo.

A alternativa E, ao contrário, não denota eternidade. Algo frequente é algo que se repete muitas vezes, **mas a repetição não garante eternidade necessariamente**. Portanto, a alternativa que não apresenta termo no mesmo campo semântico é alternativa E.

**Gabarito: E**

Textos para as questões 9 e 10

### Texto 1

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo



Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade

de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

*RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em 22/04/2015.*

## Texto 2

### PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.  
Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.  
Já o verme — este operário das ruínas —  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,  
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!

*ANJOS, A. Eu e Outras Poesias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.*

## 9. (IME - 2016)

Acerca do vocábulo “categorizações” (3º parágrafo) e da expressão “marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo” (5º parágrafo), podemos afirmar que

I. o vocábulo “categorizações” refere-se a “componentes anti-idade” e “microcápsulas que ajudam a sua pele a ter mais firmeza em oito dias”.



II. a expressão “marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo” traz a ideia de verdade questionável.

III. o vocábulo “categorizações” retoma as noções de “público específico” e “senso comum”.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) I e II
- e) III apenas.

#### Comentários:

O item I. está incorreto, pois o contexto em que “categorizações” aparece é “devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. ‘Essas categorizações estão sendo postas de lado’.”. esse vocábulo, portanto, retoma “público específico” e “senso comum”.

O item II. está correto, pois o texto afirma que a publicidade usa da ideia de “verdade científica” para garantir aparência mais fidedigna à seu produto. A ciência valida a informação da propaganda.

O item III. está correto pelo exposto no item I.: observando-se o contexto, percebe-se que esse vocábulo, portanto, retoma “público específico” e “senso comum”.

#### Gabarito: C

---

#### 10. (IME – 2016)

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

I - Silvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)

II - “ (...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)

III - Silvania concorda e diz que (...) a verdade suprema é **estranque**. (...) Texto 1, 3º parágrafo)

IV - Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto 2, verso 2)

- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
- b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
- c) vestígio – modelo – importante – trevas;
- d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
- e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

**Comentários:** Vamos ver algumas estratégias para identificar sinônimos para palavras que você não conhece.

**resquício:** pelo início da palavra, você já poderia ter uma ideia, pois começa que a mesma construção que “resto”. “vestígio” e “resto” podem ser entendidos da mesma maneira. Assim,

um sinônimo para “resquício” poderia tanto ser “resto” quanto “vestígio”. **Resolvemos aqui pela estrutura da palavra.**

**paradigma:** no contexto apresentado, “paradigma” representa um “modo de pensar”. Um possível sinônimo aqui seria “modelo”. “arquetipo”, em princípio, também funcionaria como sinônimo, mas pela linguagem do restante do texto, “modelo é mais adequado”. **Resolvemos aqui pelo contexto.**

**estaque:** “estaque” aparece no contexto como algo ligado à “verdade suprema”. Essa construção denota ideia de verdade indiscutível ou verdade absoluta. Assim, o melhor sinônimo para estaque nesse contexto é “absoluta”. **Resolvemos aqui pela relação entre os termos.**

**rutilância:** se você conseguisse resolver as palavras anteriores, por eliminação já acertaria essa palavra. Ela é o antônimo de “escuridão”, significando “brilho” ou “fluorescência”. Era a palavra mais difícil de se auferir o significado, pois não há palavras semelhantes ou indicações no contexto que facilitem o caminho. **Resolvemos aqui por repertório e vocabulário.**

**Gabarito: D**

## 11. (IME – 2015)

### O QUASE

(Sarah Westphal Batista da Silva)

Ainda pior que a convicção do não, e a incerteza do talvez, é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu ainda está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas ideias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor, não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos na frouxidão dos abraços, na indiferença dos “Bom Dia” quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até para ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai. Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência, porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

*Disp. em: <[www.pensador.uol.com.br](http://www.pensador.uol.com.br)>. Acesso em: 29 Abr 2014.*



Indique o par de vocábulos que se enquadra num mesmo campo semântico, de acordo com o texto.

- a) ondas / nublados (2º parágrafo; 2º parágrafo).
- b) outono / morna (1º parágrafo; 2º parágrafo).
- c) cinza / alma (2º parágrafo; 3º parágrafo).
- d) não / talvez (1º parágrafo, linha 1; 1º parágrafo).
- e) destino / você (3º parágrafo; 3º parágrafo).

**Comentários:** Esse é um tipo de exercício em que o contexto importa muito para a compreensão das palavras. O campo semântico aqui está condicionado a ele. Vamos observar um por um:

Alternativa A está incorreta. Em “Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados”, “ondas” representa a certeza, a ação, e “nublados” representa a indefinição, a incerteza. Não fazem parte do mesmo campo semântico.

A alternativa B está correta. Tanto “essa maldita mania de viver no outono” quanto “Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna” são sinônimos contextuais para “incerteza”, o “quase” do título do texto. Assim como o outono é a indefinição entre o verão e o inverno e o morno é a indefinição entre o quente e o frio, o quase é a indefinição entre conseguir e não conseguir.

A alternativa C está incorreta. Em “os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza”, “cinza” representa a indefinição, a incerteza. Em “De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma”, “alma” representa o ânimo, o espírito, o sentimento. Não fazem parte do mesmo campo semântico.

A alternativa D está incorreta. O contexto em que os vocábulos aparecem é “Ainda pior que a convicção do não, e a incerteza do talvez”, ou seja, “não” e “talvez” possuem valores semânticos diferentes: “não” no campo da negativa e “talvez” no campo da dúvida. Não fazem parte do mesmo campo semântico, portanto.

A alternativa E está incorreta. Em “Desconfie do destino e acredite em você”, o “destino” é aquilo que se desconfia e “você” é aquilo em que se acredita. Não fazem parte do mesmo campo semântico.

**Gabarito: B**

---

## 12. (IME – 2015)

Texto 1

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:



— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

*Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.*

## Texto 2

### AUTOSSABOTAGEM: O MEDO DE SER FELIZ

(Raphaela de Campos Mello – Outubro de 2012)

A cada passo dado você sente que a felicidade se afasta alguns metros? Talvez esteja, inconscientemente, queimando chances de se realizar. Repense as próprias atitudes para interromper esse ciclo destrutivo.

Por medo dos riscos e das responsabilidades da vida, podemos acabar inconscientemente com as nossas realizações. Isso se chama autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.

Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial ou da gripe que a pegou na véspera daquela importante reunião.

"Muitos desses comportamentos destrutivos estão quase fora do domínio da consciência", afirma o psicólogo americano Stanley Rosner, coautor do livro *O Ciclo da AutoSabotagem – Por Que Repetimos Atitudes que Destroem Nossos Relacionamentos e Nos Fazem Sofrer* (ed. BestSeller).

"A autonomia, a independência e o sucesso são apavorantes para algumas pessoas porque indicam que elas não poderão mais argumentar que suas necessidades precisam ser protegidas", diz o autor.

O filósofo e psicanalista paulista Arthur Meucci, coautor de *A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida* (ed. Vozes) comenta sobre os ganhos secundários. "Há jovens que saem de casa para tentar a vida, enquanto outros permanecem na zona de conforto, porque continuam recebendo atenção dos pais e se eximem de enfrentar as dificuldades da fase adulta", afirma.

O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. "Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades", diz ele.

*Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/autossabotagem-o-medo-deser-feliz.>> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014*

Os termos "Consoada" (texto 1, título) e "se eximem" (texto 2; 6º parágrafo) podem significar, respectivamente:

- a) pequena refeição tomada à noite / isentam-se.
- b) pequena refeição tomada à noite / aprimoram-se.



- c) tipo de panela / desobrigam-se.
- d) tipo de panela / aperfeiçoam-se.
- e) tipo de panela / superam-se

**Comentários:** Essa questão apresentava uma grande dificuldade para o aluno. Não há grandes indícios no contexto que possam ajudar a responder à questão. Ela seria melhor resolvida por seu vocabulário em si.

**“consoada”:** refeição leve que se realiza à noite.

Considerando-se que o poema trata da espera pela morte e da paz de espírito que a voz poética sente, mesmo sabendo do fim da vida. Pode-se fazer a associação entre “pequena refeição” e a leveza do espírito; e entre “noite” e morte, essa última bastante comum. **“se eximem”:** isentam-se.

O contexto em que esse termo aparece é “Há jovens que saem de casa para tentar a vida, enquanto outros permanecem na zona de conforto, porque continuam recebendo atenção dos pais e se eximem de enfrentar as dificuldades da fase adulta”

**Gabarito: A**

### 13. (IME - 2014)

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

- |  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| 1 Às folhas tantas                     | 23 primos entre si.                  |
| 2 do livro matemático                  | 24 E assim se amaram                 |
| 3 um Quociente apaixonou-se            | 25 ao quadrado da velocidade da luz  |
| 4 um dia                               | 26 numa sexta potenciação            |
| 5 doidamente                           | 27 traçando                          |
| 6 por uma Incógnita.                   | 28 ao sabor do momento               |
| 7 Olhou-a com seu olhar inumerável     | 29 e da paixão                       |
| 8 e viu-a do ápice __ base             | 30 retas, curvas, círculos e linhas  |
| 9 uma figura ímpar;                    | senoidais                            |
| 10 olhos romboides, boca trapezoide,   | 31 nos jardins da quarta dimensão.   |
| 11 corpo retangular, seios esferoides. | 32 Escandalizaram os ortodoxos das   |
| 12 Fez de sua uma vida                 | fórmulas euclidiana                  |
| 13 paralela à dela                     | 33 e os exegetas do Universo Finito. |
| 14 até que se encontraram              | 34 Romperam convenções newtonianas   |
| 15 no infinito.                        | e pitagóricas.                       |
| 16 "Quem és tu?", indagou ele          | 35 E enfim resolveram se casar       |
| 17 em ânsia radical.                   | 36 constituir um lar,                |
| 18 "Sou a soma do quadrado dos         | 37 mais que um lar,                  |
| catetos.                               | 38 um perpendicular.                 |
| 19 Mas pode me chamar de               | 39 Convidaram para padrinhos         |
| Hipotenusa."                           | 40 o Poliedro e a Bissetriz.         |
| 20 E de falarem descobriram que eram   | 41 E fizeram planos, equações e      |
| 21 (o que em aritmética corresponde    | diagramas para o futuro              |
| 22 a almas irmãs)                      | 42 sonhando com uma felicidade       |
|  | 43 integral e diferencial.           |



44 E se casaram e tiveram uma secante  
e três cones  
45 muito engraçadinhos.  
46 E foram felizes  
47 até aquele dia  
48 em que tudo vira afinal  
49 monotonia.  
50 Foi então que surgiu  
51 O Máximo Divisor Comum  
52 frequentador de círculos  
concêntricos,  
53 viciosos.  
54 Ofereceu-lhe, a ela,  
55 uma grandeza absoluta  
56 e reduziu-a a um denominador  
comum.  
57 Ele, Quociente, percebeu

58 que com ela não formava mais um  
todo,  
59 uma unidade.  
60 Era o triângulo,  
61 tanto chamado amoroso.  
62 Desse problema ela era uma fração,  
63 a mais ordinária.  
64 Mas foi então que Einstein descobriu  
a Relatividade  
65 e tudo que era espúrio passou a ser  
66 moralidade  
67 como aliás em qualquer  
68 sociedade.

*RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em:  
<[http://www.releituras.com/millor\\_poesia.asp](http://www.releituras.com/millor_poesia.asp)>.  
Acesso em 09/05/2013.*

Assinale a opção que apresenta o par de definições adequadas às palavras “ortodoxos” (v. 32) e “espúrio” (v. 65), respectivamente.

- a) Que segue rigorosamente uma tradição ou norma; ilegítimo.
- b) Que se atém à geometria; falso.
- c) Que respeita os princípios matemáticos básicos; autêntico.
- d) Que prefere a matemática às letras; desonesto.
- e) Que se atém à lei e ao padrão; genuíno.

**Comentários:** Esse é o tipo de questão que pode ser resolvido tanto pelo seu vocabulário quanto pelo contexto.

O contexto em que “**ortodoxos**” aparece é “Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana e os exegetas do Universo Finito”. Se essas personagens são ligadas a fórmulas e se escandalizam, ou seja, se chocam, com uma ação, então elas são algo como “**tradicionais**” ou “**conservadoras**”.

O contexto em que “**espúrio**” aparece é “Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade e tudo que era espúrio passou a ser moralidade”. A brincadeira com as palavras aqui é que depois de Einstein tudo se tornou relativo. Se o que antes era espúrio se tornou moral e “moral” é algo dentro da norma e da legitimidade, então espúrio significa “**errado**” ou “**ilegítimo**”.

Assim, a alternativa correta é alternativa A:

Ortodoxos – Que segue rigorosamente uma tradição ou norma

Espúrio – ilegítimo

**Gabarito: A**

Texto para as questões 14, 15 e 16

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)



A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é shúnya”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, shúnya significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, shúnya refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo shúnya – que, em árabe, se tornou shifr e foi latinizado para zephirum, depois zéfiro, zefro e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4\_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. 4 Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ( $1 - 1 = 0$ ). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero ( $0 \times 4 = 0$ ). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ( $0 \div 3 = 0$ ), que não muda seu jeito. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (*Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa*), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.  
(ADAPTADO)

#### 14. (IME – 2013)

“Se essa **dialética** parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo”. (3º parágrafo)

A ideia contida no trecho acima, sobretudo na palavra em destaque, encontra-se nos fragmentos abaixo, referentes ao texto 5, exceto em:

- a) “Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo” (3º parágrafo).
- b) “o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido” (13º parágrafo).
- c) “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada” (13º parágrafo).
- d) “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang” (16º parágrafo).
- e) “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele” (16º parágrafo).

**Comentários:** No texto, a autora utiliza a palavra “dialética” no sentido de duas coisas que se negam ao mesmo tempo que coexistem. É como se estivesse falando de um **paradoxo**. Por isso, para resolver essa questão, bastava buscar qual afirmação não continha informação paradoxal. Por isso, por eliminação, a alternativa que não apresentava uma ideia dialética é alternativa E.

A alternativa A apresenta pensamento paradoxal em “indicar o nada” e “trazer conteúdo”.

A alternativa B apresenta pensamento paradoxal em “vazio cheio de sentido”.

A alternativa C apresenta pensamento paradoxal em “o nada em oposição à existência de Deus”.

A alternativa D apresenta pensamento paradoxal em “equivalentes e opostos” e “yin e yang”.

**Gabarito: E**

#### 15. (IME – 2013)

Segundo o texto, “O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não existente, nulo” (3º parágrafo). Marque a alternativa que apresente uma ideia distinta daquela a que se associou o substantivo “zero” ao longo dos tempos:



- a) tenebrosidade
- b) insensibilidade
- c) divindade
- d) atratividade
- e) subversividade

**Comentários:** A única alternativa que não aparece no texto associada ao zero é a atratividade. Por isso a alternativa D é a alternativa correta.

Na alternativa A, é possível encontrar associação do zero com “tenebrosidade” nos 6º e 11º parágrafos.

Na alternativa B, é possível encontrar associação do zero com “insensibilidade” no 4º parágrafo.

Na alternativa C, é possível encontrar associação do zero com “divindade” no 5º parágrafo.

Na alternativa E, é possível encontrar associação do zero com “subversividade” no 12º parágrafo.

**Gabarito: D**

---

### 16. (IME – 2013)

“Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inócuo**” (2º parágrafo, texto I). O adjetivo em destaque pode ser substituído, **sem mudança de sentido**, por:

- a) inofensivo
- b) indecente
- c) insolente
- d) inabalável
- e) inábil

**Comentários:** Procura-se aqui alguma palavra que possa funcionar como sinônimo de “inócuo”. Segundo o dicionário, “inócuo” é algo que não produz resultado ou efeito nenhum, que não é prejudicial. Assim, a alternativa que melhor responderia a questão é alternativa A, “inofensivo”. Uma estratégia para realizar essa questão é substituir a palavra inócuo pelas palavras de todas as alternativas para comprovar o resultado.

Alternativa A está correta, pois a substituição mantém o sentido: “Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inofensivo**”.

Alternativa B está correta, pois a substituição não mantém o sentido: “Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **indecente**”. “indecente” significa algo sem decência ou moral.

Alternativa C está correta, pois a substituição não mantém o sentido: “Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **insolente**”. “insolente” significa desrespeitoso.

Alternativa D está correta, pois a substituição não mantém o sentido: “Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inabalável**”. “inabalável” significa algo que não se abala, firme, fixo.

Alternativa E está correta, pois a substituição não mantém o sentido: “Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inábil**”. “inábil” significa algo ou alguém que não possui habilidade.

## Gabarito: A

### 17. (IME – 2012)

Paciência

Composição : Lenine e Dudu Falcão

(1) Mesmo quando tudo pede

(2) Um pouco mais de calma

(3) Até quando o corpo pede

(4) Um pouco mais de alma

(5) A vida não para...

(6) Enquanto o tempo

(7) Acelera e pede pressa

(8) Eu me recuso, faço hora

(9) Vou na valsa

(10) A vida tão rara...

(11) Enquanto todo mundo

(12) Espera a cura do mal

(13) E a loucura finge

(14) Que isso tudo é normal

(15) Eu finjo ter paciência...

(16) O mundo vai girando

(17) Cada vez mais veloz

(18) A gente espera do mundo

(19) E o mundo espera de nós

(20) Um pouco mais de paciência...

(21) Será que é tempo

(22) Que lhe falta para perceber?

(23) Será que temos esse tempo

(24) Para perder?

(25) E quem quer saber?

(26) A vida é tão rara

(27) Tão rara...

(28) Mesmo quando tudo pede

(29) Um pouco mais de calma

(30) Até quando o corpo pede

(31) Um pouco mais de alma

(32) Eu sei, a vida não para

(33) A vida não para, não...

(34) Será que é tempo

(35) Que lhe falta para perceber?

(36) Será que temos esse tempo

(37) Para perder?

(38) E quem quer saber?

(39) A vida é tão rara

(40) Tão rara...

(41) Mesmo quando tudo pede

(42) Um pouco mais de calma

(43) Até quando o corpo pede

(44) Um pouco mais de alma

(45) Eu sei, a vida não para

(46) A vida não para...

(47) A vida não para...

*Disponível*

*em: <<http://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>> Acesso em 01 jun 11.*

Assinale a opção em que as palavras do texto III pertencem ao mesmo campo semântico:

a) veloz (v.17), pressa (v.7), calma (v.2) e corpo (v.3);

b) paciência (v.15), calma (v.2), pressa (v.7) e cura (v.12);

c) tempo (v.6), calma (v.2), veloz (v.17) e alma (v.4);

d) veloz (v.17), pressa (v.7), calma (v.2) e tempo (v.6);

e) veloz (v.17), calma (v.2), loucura (v.13) e paciência (v.15).



**Comentários:** Para responder a essa questão é preciso procurar dentro de cada alternativa qual ou quais palavras destoam do conjunto, tendo em vista o contexto da música.

Na alternativa A, “corpo” destoa dos outros termos, todos relacionado a tempo e passagem de tempo na música.

Na alternativa B, “cura” destoa dos outros termos, todos relacionado à relação da voz poética com o tempo. Na alternativa C, “alma” destoa dos outros termos, todos relacionado a tempo.

Na alternativa D, todos os termos se relacionam com a ideia de tempo e passagem do tempo na música. Por isso, **a alternativa correta é alternativa D.**

Na alternativa E, “loucura” destoa dos outros termos, todos relacionados à ideia de tempo e passagem do tempo na música.

## Gabarito: D

---

### 18. (IME – 2011)

#### JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE

O poeta e engenheiro Joaquim de Sousa Andrade nasceu em Alcântara, Maranhão, em 1833. De família abonada, viajou muito desde jovem, percorrendo inúmeros países europeus. Formou-se em Engenharia de Minas e em Letras pela Sorbonne. Em 1884, lançou a versão definitiva de seu *O Guesa*, obra radical e renovadora. Morreu abandonado e com fama de louco.

Considerado em sua época um escritor extravagante, Sousa Andrade, como preferia ser identificado, acaba reabilitado pela vanguarda paulistana (os concretistas) como um caso de "antecipação genial" da livre expressão modernista. Criador de uma linguagem dominada pela elipse, por orações reduzidas e fusões vocabulares, foge do discurso derramado dos românticos. Cosmopolita, o escritor deixou quadros curiosos como a descrição do Inferno de Wall Street, no qual vê o capitalismo como doença.

Sua obra mais perturbadora é *O Guesa*, poema em treze cantos, dos quais quatro ficaram inacabados. A base do poema é a lenda indígena do Guesa Errante. O personagem Guesa é uma criança roubada aos pais pelo deus do Sol e educado no templo da divindade até os 10 anos, sendo sacrificado aos 15 anos.

Na condição de poeta maldito, Sousa Andrade identifica seu destino pessoal com o do jovem índio. Porém, no plano histórico-social, o poeta vê no drama de Guesa o mesmo dos povos aborígenes da América, condenando as formas de opressão dos colonialistas e defendendo uma república utópica.

#### O Guesa (fragmento)

O sol ao pôr-do-sol (triste soslaio!)...o arroio  
Em pedras estendido, em seus soluços  
Desmaia o céu d'estrelas arenoso  
E o lago anila seus lençóis d'espelho...  
Era a Ilha do Sol, sempre florida  
Ferrete-azul, o céu, brando o ar pureza  
E as vias-lácteas sendas odorantes



Alvas, tão alvas!... Sonoros mares, a onda  
d'esmeralda  
Pelo areal rolando luminosa...  
As velas todas-chamas aclaram todo o ar.

GONZAGA, S. *Literatura Brasileira. Disp. em: <<http://www.educaterra.terra.com.br>> (Texto adaptado). Acesso em: 14 jun. 2010.*

Em qual das opções abaixo todas as palavras remetem ao mesmo campo semântico?

- a) sol, estrelas, aclaram, luminosa, soslaio.
- b) sol, aclaram, luminosa, alvas, arroio.
- c) sol, céu, todas-chamas, aclaram, brando.
- d) sol, pôr-do-sol, estrelas, alvas, sendas.
- e) vias-lácteas, todas-chamas, aclaram, alvas, luminosa.

**Comentários:** Palavras pertencentes ao mesmo campo semântico são aquelas que remetem todas à uma mesma ideia. Isso ocorre em: “vias-lácteas, todas-chamas, aclaram, alvas, luminosa”, em que todas as palavras remetem à luz, claridade. Por isso, a alternativa correta é a alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois “soslaio” significa “olhar de lado”. Não remete, portanto, à ideia de “luz” presente nas outras palavras.

A alternativa B está incorreta, pois “arroio” significa “corrente de água”. Não remete, portanto, à ideia de “luz” presente nas outras palavras.

A alternativa C está incorreta, pois “brando” significa “leve”. Não remete, portanto, à ideia de “luz” presente nas outras palavras.

A alternativa D está incorreta, pois “sendas” significa “caminho estreito”. Não remete, portanto, à ideia de “luz” presente nas outras palavras.

**Gabarito: E**

## 19. (IME – 2010)

José de Anchieta, jesuíta hispano-brasileiro.

UOL Educação. José de Anchieta, Jesuíta hispano-brasileiro. Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u421.jhtm>> Capturado em 18.05.09.

José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo. O pai era um nobre basco, e a mãe, uma judia conversa. Aos 14 anos foi estudar em Coimbra (Portugal). Sentia a vocação religiosa e, em 1551, foi admitido como noviço no colégio jesuíta da Universidade de Coimbra.

Em 1553, com 19 anos, foi convidado a vir para o Brasil como missionário, acompanhando Duarte da Costa, o segundo governador-geral nomeado pela Coroa. No comecinho de 1554, chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.



No mesmo ano, junto com o jesuíta português Manuel da Nóbrega, subiu a serra do Mar até o planalto que os índios denominavam Piratininga, ao longo do rio Tietê. Os dois missionários estabeleceram um pequeno colégio, e, em 25 de janeiro de 1554, celebrou-se ali a primeira missa. Anchieta começou o trabalho de conversão, batismo e catequese.

Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente. Na catequese, usava o teatro e a poesia, tornando a aprendizagem um processo prazeroso. Ensinou latim aos índios, aprendeu tupi-guarani com eles e (seguindo a tradição missionária, que mandava assimilar e registrar os idiomas) escreveu a "Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra em 1595.

O colégio de São Paulo de Piratininga, como era chamado, logo expandiu seu núcleo. Mas, ao longo do litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, as tribos formaram uma aliança (conhecida como Confederação dos Tamoios) que atacou São Paulo diversas vezes entre 1562 e 1564.

Anchieta e Nóbrega tiveram um conflito com Duarte da Costa e decidiram iniciar as negociações de paz com os tamoios em Iperoig (hoje Ubatuba). Anchieta, falando tupi-guarani e viajando por toda aquela costa, foi crucial para ganhar a confiança dos índios, e, após muitos incidentes, estabeleceu-se a paz entre tamoios, tupinambás e portugueses. Nessa época, Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.

Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A relação que se estabelece no quarto parágrafo, entre "Ensinou", "aprendeu" e "seguindo" sugere PRINCIPALMENTE

- a) confiança.
- b) tolerância.
- c) inquietação.
- d) dedicação.
- e) paciência.

**Comentários:** Para responder a essa questão é necessário analisar o texto todo. Nenhuma das alternativas apresenta necessariamente incorreção em relação ao texto, porém o candidato precisa buscar aquela que represente melhor a ideia central do texto contida nos verbos destacados. O contexto em que aparecem esses verbos é: "Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente. Na catequese, usava o teatro e a poesia, tornando a aprendizagem um processo prazeroso. **Ensinou** latim aos índios, **aprendeu** tupi-guarani com eles e (**seguindo** a tradição missionária, que mandava assimilar e registrar os idiomas) escreveu a "Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra em 1595

Isso demonstra o **comprometimento** de Anchieta com seu trabalho junto aos indígenas brasileiros, não só cuidando das pessoas no dia a dia como também produzindo trabalhos que

pudessem fixar sua língua e cultura. Assim, a alternativa que melhor descreve Anchieta segundo esse fragmento é

**dedicação.** Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

**Gabarito: D**

---

## 20. (IME – 2010)

### Retirantes da educação

MARCH, Rodrigo. Retirantes da educação. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que cruzou 4.521 quilômetros de Brasil, superando uma série de dificuldades, para fazer uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

Eles estão aproveitando um convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói. Onze fazem mestrado e uma, doutorado. Todos em educação — mesmo as faculdades particulares do Acre não têm curso de pós-graduação nessa área. Nove deles dividem a mesma casa em São Domingos, Niterói, como num Big Brother, só que sem conforto algum. Para se ter uma ideia, a TV foi emprestada por uma colega de curso, e quase todos dormem em colchonetes. Apesar da proximidade à Faculdade de Educação da UFF, só andam em grupos: por insegurança, sensação que ainda não tinham experimentado.

O périplo deles começou antes mesmo de a parceria com a UFF ser fechada, já que eles já tinham tentado convênios com outras instituições, mas que não possuíam cursos com nota cinco de avaliação, uma determinação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da qual são bolsistas. Foram oferecidas 15 vagas no mestrado, porém, dos 19 inscritos, só 11 foram aprovados. No doutorado, apenas três se inscreveram, mas só uma passou na seleção.

A dificuldade seguinte foi encontrar uma casa para alugar em Niterói. A professora de letras Sâmia El-Hassani, de 46 anos, veio 15 dias antes para tentar resolver o problema. O marido dela, Dalbi D'Ávila, também é de letras e faz o mestrado. Trouxeram os filhos, que foram matriculados numa escola.

— Niterói não aluga imóvel por temporada, pelo menos na área do Centro e da Zona Sul — observa Sâmia, que também achou os preços altíssimos.

Com muito custo — e também por falta de opção —, eles conseguiram uma casa que estava à venda, mas que sequer tinha torneiras. O dono aceitou fazer um contrato de três meses com pagamento antecipado de R\$ 6.800,00 enquanto não acha um comprador. Mas eles vão precisar renovar por mais um mês, já que estarão na cidade até 17 de julho — no



segundo semestre, os professores da UFF vão ao Acre dar as aulas, sendo que ano que vem, o vaivém se repete, pois o curso de mestrado é de dois anos.

O campo semântico relacionado à palavra “périplo” (linha 16) é

- a) sacrifício, percalço, busca, esforço.
- b) pesquisa, objetivos, concurso, insatisfação.
- c) vitória, UFF, cansaço, inseguranças.
- d) convênio, salas de aula, seleção, conquistas.
- e) vítimas, nota cinco, CAPES, alcance.

**Comentários:** O contexto em que a palavra destacada se encontra é:

“O **périplo** deles começou antes mesmo de a parceria com a UFF ser fechada, já que eles já tinham tentado convênios com outras instituições, mas que não possuíam cursos com nota cinco de avaliação, uma determinação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da qual são bolsistas. Foram oferecidas 15 vagas no mestrado, porém, dos 19 inscritos, só 11 foram aprovados. No doutorado, apenas três se inscreveram, mas só uma passou na seleção”.

O texto trata das dificuldades encontradas por alunos que mudam suas vidas para conseguir realizar sua formação acadêmica. Assim, ainda que não se conheça a palavra “périplo”, pode-se admitir que ela signifique algo como “dificuldades”, “percalços” etc.

Assim, a alternativa que apresenta palavras no mesmo campo semântico que “périplo” é “sacrifício, percalço, busca, esforço”, alternativa A.

**Gabarito: A**

---

## 21. (IME – 2010)

Padre Fernão Cardim

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala – Introdução à história da sociedade colonial no Brasil – Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1993, 20a ed.

É certo que o Padre Fernão Cardim, nos seus Tratados, está sempre a falar da fartura de carne, de aves e até de frutas com que foi recebido por toda parte no Brasil do séc. XVI, entre os homens ricos e os colégios de padres.

Mas de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitador, recebido nos engenhos e colégios com festas e jantares excepcionais. Era um personagem a quem todo agrado que fizessem os colonos era pouco: a boa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitos macios dos grandes senhores de escravos talvez atenuasse a péssima, a vida dissoluta que todos eles levavam nos engenhos de açúcar: “os peccados que se cometem nelles (nos engenhos) não tem conta: quase todos andam amancebados por causa das muitas occasioes; bem cheio de peccados via esse doce por que tanto fazem; grande é a peciencia de Deus que tanto soffre”.

Considere o trecho abaixo.



“...a boa impressão que lhe causassem a mesa farta e os leitos macios dos grandes senhores de escravos talvez atenuasse a péssima, a vida dissoluta que todos eles **levavam** nos engenhos de açúcar.” (linha 6).

Podemos afirmar que a forma verbal “levavam” é sinônimo de

- a) sentiam.
- b) deixavam-se dominar.
- c) tinham.
- d) exibiam.
- e) encaravam

**Comentários:** Essa questão é facilmente compreendida tanto pelo vocabulário do aluno quanto pelo contexto. É bastante comum na fala cotidiana que se utilize “vida que se leva” no sentido de “vida que se tem”. Por isso, o aluno logo perceberia que o sinônimo possível é “tinham”, alternativa C.

Caso não conhecesse essa expressão, o aluno poderia efetuar a substituição de “levavam” pelas palavras das alternativas e verificar se fazia sentido:

Alternativa A: “a vida dissoluta que todos eles **sentiam** nos engenhos de açúcar” – eles viviam a vida nos engenhos, não sentiam a vida, portanto, incorreta.

Alternativa B: “a vida dissoluta que todos eles **deixavam-se dominar** nos engenhos de açúcar” – eles trabalhavam de maneira forçada nos engenhos, não se deixavam dominar, portanto, incorreta.

Alternativa C: “a vida dissoluta que todos eles **tinham** nos engenhos de açúcar” – eles viviam a vida nos engenhos, o que é o mesmo que dizer “a vida que tinham nos engenhos”, portanto, a alternativa está **correta**.

Alternativa D: “a vida dissoluta que todos eles **exibiam** nos engenhos de açúcar” – eles trabalhavam de maneira forçada nos engenhos, não exibiam sua vida, portanto, incorreta.

Alternativa E: “a vida dissoluta que todos eles **encaravam** nos engenhos de açúcar” – poderia ser entendida como correta, mas não é tão preciso dizer que eles encaravam a vida nos engenhos. Seria um emprego melhor se relacionado à trabalho: “trabalhos que encaravam nos engenhos”. Por isso, a alternativa incorreta.

**Gabarito: C**

## 22. (IME - 2009)

### Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava

em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

*Disponível em [www.culturajaponesa.com.br](http://www.culturajaponesa.com.br) (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.*

De acordo com o texto, “dekassegui” significa:

- a) descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão.
- b) integrantes da família japonesa que permaneciam no Brasil para prosseguir os estudos e administrar os negócios.
- c) universitários brasileiros descendentes de japoneses que voltaram ao Japão para o trabalho pesado.
- d) nisseis de famílias agrícolas que procuravam novas oportunidades em países estrangeiros.
- e) Cotia Seinen que imigrava através da Cooperativa de Cotia.

**Comentários:** O contexto em que essa expressão aparece é “Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, **as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos.** Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. **Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava**

o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios.”.

Ou seja, “dekassegui” significa descendentes de japoneses nascidos no Brasil que deixavam sua família em terras brasileiras para trabalhar no Japão. A alternativa correta é alternativa A. A alternativa B está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, é justamente o contrário: são as pessoas que deixam o Brasil para trabalhar no Japão.

A alternativa C está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, quem vai para o Japão trabalhar são as pessoas que não ficaram para estudar.

A alternativa D está incorreta, pois segundo o contexto em que aparece a palavra, não se pode presumir que sejam apenas os filhos de famílias agrícolas que deixam o país.

A alternativa E está incorreta, pois segundo o texto, esse movimento “Cotia Seinen” ocorreu nos anos 1950.

**Gabarito: A**

---

### 23. (ITA – 2018)

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou

judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida, não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. *VARELLA, D. A arte de envelhecer. Adaptado. Disponível em Acesso em: mai. 2017.*

Ao fazer alusão a “um vale de lágrimas” (parágrafo 9), o autor

- a) retrata a velhice como a melhor fase da vida.
- b) compara juventude e velhice como processos naturais e contínuos.
- c) diferencia estar velho fisicamente e sentir-se velho.
- d) caracteriza a velhice com a fase de maior busca religiosa.
- e) critica determinada visão acerca do fim da juventude.

**Comentários:** Se pensarmos segundo a geografia, um “vale” é um espaço que se forma entre encostas, que pode gerar acúmulo de água. Um “vale de lágrimas”, portanto, seria uma grande quantidade de lágrimas, ou seja, muita tristeza muito sofrimento.

No texto, essa expressão aparece no seguinte contexto: “Considerar a vida **um vale de lágrimas** no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre”. Substituindo-se a expressão, teríamos algo como “Considerar a vida um grande sofrimento no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre”. É, portanto, uma crítica à pessoas que acreditam que a vida só vale a pena na juventude e que envelhecer significa necessariamente sofrimento. A alternativa correta, portanto, é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não se pode auferir que a velhice seja a melhor fase da vida. Apenas que não se deve considerar a velhice um momento de sofrimento ou tristeza.

A alternativa B está incorreta, pois o fato da juventude e a velhice se encadearem não determina que isso seja um processo sofrido.

A alternativa C está incorreta, pois apesar de o texto admitir a possibilidade do “velho que tem cabeça de jovem”, nesse trecho não há referência à personalidade, mas ao modo que ela é encarada.

A alternativa D está incorreta, pois não há referências a religião no texto como um todo.

## Gabarito: E

---

### 24. (ITA - 2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de

amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. *Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963*)

No trecho, *Tudo gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter*, Rubem Braga I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.

II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.

III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.

IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III, IV.
- e) III e IV.

#### Comentários:

O item I. está correto, pois essa é a opinião do repórter em que Rubem Braga baseia sua crônica. Isso fica ainda mais claro pelo uso de aspas.

O item II. está correto, pois a estrutura argumentativa do texto se baseia na contraposição entre os pontos em que Rubem Braga concorda e discorda com José Leal.

O item III. está incorreto, pois não há no texto informações que permitam comprovar que a opinião do autor se relaciona com o trabalho no campo.

O item IV está incorreto, pois o que torna os imigrantes não qualificados é o fato de que já existe grande oferta desse tipo de mão de obra no Brasil e, por isso, suas habilidades não seriam necessárias.

#### Gabarito: A

---

#### 25. (ITA - 2015)

Leia os dois excertos de entrevistas com dois africanos de Guiné-Bissau, que foram universitários no Brasil nos anos 1980.

**Excerto 1:** Para muitas pessoas, mesmo professores universitários, a África era um país. "Ah, você veio de onde? Da África?" "Sim, da Guiné-Bissau." "Ah, Guiné-Bissau, região da África." Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

**Excerto 2:** Porque a novela passa tudo de bom, o pobre vive bem, né? Mesmo dentro da favela,



você vê aquela casa bonitinha, tal. Então tinha uma ideia, eu, pelo menos, tinha uma ideia de um Brasil... quer dizer, fantástico!

*(Extraídos do curta-metragem Identidades em trânsito, de Daniele Ellery e Márcio Câmara. Disponível em: <http://portacurtas.org.br>)*

A visão de alguns brasileiros sobre Guiné-Bissau, segundo um guineense (Excerto 1), assim como a de um outro guineense sobre o Brasil (Excerto 2) é

- a) idealizada.
- b) pessimista.
- c) equivocada.
- d) antropocêntrica.
- e) utilitarista.

**Comentários:** No excerto 1, o guineense afirma que os brasileiros não têm uma percepção verdadeira do continente africano: trata-se África como se fosse um país só e países africanos como se fossem estados. Denota desconhecimento dos brasileiros quanto à geografia e estrutura política do continente africano.

Já no excerto 2, o guineense afirma que no exterior há uma imagem do Brasil de um local onde tudo é fantástico, até mesmo em locais onde as condições de vida são mais difíceis, como favelas, por exemplo. Assim, ambas as percepções são equivocadas. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a percepção idealizada, ou seja, engrandecida da realidade, incide sobre a imagem do Brasil no exterior, mas não sobre a de Guiné-Bissau.

A alternativa B está incorreta, pois uma percepção “pessimista” seria “que só enxerga ou espera pelo pior”, e não há essa ideia em

A alternativa D está incorreta, pois “antropocentrismo” é a doutrina que determina que o ser humano está no centro de importância de todas as coisas, e essa ideia não aparece em nenhum dos dois excertos.

A alternativa E está incorreta, pois “utilitarista” é a postura de alguém que só dá valor àquilo que seja ou possa ser útil, e essa ideia de utilidade não aparece nos textos.

## Gabarito: C

---

Texto para as questões 26 e 27

### Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa



área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o *site* do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar *on-line*. *Call on*OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, *e-mail* e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no *site*, mas aí nem o *site* nem o OpenTable podiam modificar a reserva *on-line*, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários *e-mails* que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que *ranking* de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em *sites* e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores *on-line*.

(Marion Strecker. *Folha de S. Paulo*, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(\*) *Start-up*: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

## 26. (ITA - 2013)

Assinale a opção em que no trecho selecionado **NÃO** se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- a) Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos.
- b) Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares.
- c) Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão.
- d) Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...].
- e) Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

**Comentários:** A única alternativa que não apresenta traços da opinião da autora é alternativa C, pois é apenas uma narração dos fatos que a levaram a ter outro contato com o restaurante. As marcas de discurso subjetivo nas outras alternativas são:

Alternativa A, “Parece o sonho de todo patrão”.

Alternativa B, “e odeio isso”.

Alternativa D, “é coisa legal”.

Alternativa E, “pode ser excessivo e desagradável”.

**Gabarito: A**

---

## 27. (ITA – 2013)

O aspecto da noção de *sistema* criticado no texto diz respeito

- a) à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- b) ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- c) aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- d) à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- e) à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.

**Comentários:** A crítica do texto é acerca do colhimento de informações dos consumidores, fazendo com que o consumidor gere estatísticas para as empresas. Além disso, todos os processos demandam *logins* cheios de dados, o que demanda muito tempo do consumidor. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país é apenas um exemplo de fato que incomoda a autora, mas não é a crítica central do texto.

A alternativa C está incorreta, pois a crítica é a o recolhimento de dados na internet, não apenas aos mecanismos de reservas.

A alternativa D está incorreta, pois não há menção à elaboração dos guias, mas sim aos sistemas online.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não se desenvolve em torno da forma como os produtos são produzidos, mas sim ao uso da internet.

## Gabarito: B

---

### 28. (ITA - 2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e



concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

Do título do texto, *Meio ambiente urbano: o barato de andar a pé*, **NÃO** se pode depreender que andar a pé é mais

- I. prazeroso.
- II. econômico.
- III. divertido.
- IV. frequente.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e III.
- c) apenas I e III e IV.
- d) apenas II e IV.
- e) apenas II, III e IV.

**Comentários:** O título brinca com três acepções da palavra “barato”, dependendo do contexto:

Em I., com valor de prazeroso. Ex.: A festa foi um barato = A festa foi muito boa.

Em II., com valor de econômico. Ex.: Esse lápis foi barato = Esse lápis custou pouco.

Em III., com valor de divertido. Ex.: Esse menino é um barato = Esse menino é divertido.

**Gabarito: B**

**29. (ITA - 2010)**



Foi tão grande e variado o número de e-mails, telefonemas e abordagens pessoais que recebi depois de escrever que família deveria ser careta, que resolvi voltar ao assunto, para alegria dos que gostaram e náusea dos que não concordaram ou não entenderam (ai da unanimidade, mãe dos medíocres). Atenção: na minha coluna não usei “careta” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, mas humano, aberto, atento, cuidadoso. Obviamente empreguei esse termo de propósito, para enfatizar o que desejava.

Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais. Pensei em responder que minha opinião sobre família nada tem a ver com postura política, eu que me considero um animal apolítico no sentido de partido ou de conceitos superados, como “a esquerda é inteligente e boa, a direita é grossa e arrogante”. Mas, na verdade, tudo o que fazemos, até a forma como nos vestimos e moramos, é altamente político, no sentido amplo de interesse no justo e no bom, e coerência com isso.

E assim, sem me pensar de direita ou de esquerda, por ser interessada na minha comunidade, no meu país, no outro em geral, em tudo o que faço e escrevo (também na ficção), mostro que sou pelos desvalidos. Não apenas no sentido econômico, mas emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.

O que tem isso a ver com minha ideia de família? Tem a ver, porque é nela que tudo começa, embora não seja restrito a ela. Pois muito se confunde família frouxa (o que significa sem atenção), descuidada (o que significa sem amor), desorganizada (o que significa aflição estéril) com o politicamente correto. Diga-se de passagem que acho o politicamente correto burro e fascista.

Voltando à família: acredito profundamente que ter filho é ser responsável, que educar filho é observar, apoiar, dar colo de mãe e ombro de pai, quando preciso. E é também deixar aquele ser humano crescer e desabrochar. Não solto, não desorientado e desamparado, mas amado com verdade e sensatez. Respeitado e cuidado, num equilíbrio amoroso dessas duas coisas. Vão me perguntar o que é esse equilíbrio, e terei de responder que cada um sabe o que é, ou sabe qual é seu equilíbrio possível. Quem não souber que não tenha filhos.

Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes. Eventualmente, quando há suspeita séria de perigos como drogas, a relação familiar pode virar um campo de graves conflitos, e muita coisa antes impensável passa a se justificar. Deixar inteiramente à vontade um filho com problema de drogas é trágica omissão.

Assim como não considero bons pais ou mães os cobradores ou policialescos, também não acho que os do tipo “amiguinho” sejam muito bons pais. Repito: pais que não sabem onde estão seus filhos de 12 ou 14 anos, que nunca se interessaram pelo que acontece nas festinhas (mesmo infantis), que não conhecem nomes de amigos ou da família com quem seus filhos passam fins de semana (não me refiro a nomes importantes, mas a seres humanos confiáveis), que nada sabem de sua vida escolar, estão sendo tragicamente irresponsáveis. Pais que não arranjam tempo para estar com os filhos, para saber deles, para conversar com eles... não tenham filhos. Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife. O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes. Perdoem-me os pais que se queixam (são tantos!) de que os filhos são um fardo, de que falta tempo, falta dinheiro, falta paciência e falta

entendimento do que se passa – receio que o fardo, o obstáculo e o estorvo a um crescimento saudável dos filhos sejam eles.

Mães que se orgulham de vestir a roupeta da filha adolescente, de frequentar os mesmos lugares e até de conquistar os colegas delas são patéticas. Pais que se consideram parceiros apenas porque bancam os garotões, idem. Nada melhor do que uma casa onde se escutam risadas e se curte estar junto, onde reina a liberdade possível. Nada pior do que a falta de uma autoridade amorosa e firme.

O tema é controverso, mas o bom senso, meio fora de moda, é mais importante do que livros e revistas com receitas de como criar filho (como agarrar seu homem, como enlouquecer sua amante...). É no velhíssimo instinto, na observação atenta e na escuta interessada que resta a esperança. Se não podemos evitar desgraças – porque não somos deuses –, é possível preparar melhor esses que amamos para enfrentar seus naturais conflitos, fazendo melhores escolhas vida afora.

(Lya Luft. *Veja*, 06/06/2007)

Pode-se perceber conotação pejorativa em

- a) Houve quem dissesse que minha posição naquele artigo é politicamente conservadora demais.
- b) Quem não souber que não tenha filhos.
- c) Também me perguntaram se nunca se justifica revirar gavetas e mexer em bolsos de adolescentes.
- d) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, mas o pai e a mãe – se tiverem cacife.
- e) O que inclui risco, perplexidade, medo, consciência de não sermos infalíveis nem onipotentes.

**Comentários:** “conotação pejorativa” significa “conotação negativa”. O uso do diminutivo em “amiguinhos” no trecho “não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los” denota desprezo pelos amigos a que o trecho se refere. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho apenas aponta um comentário que a autora do texto recebeu acerca de seu artigo, não há conotação pejorativa.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de agressiva, a oração não é negativa, apenas direta.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho é simplesmente um relato da autora sobre perguntas que lhe foram feitas, sem sentido negativo implícito.

A alternativa E está incorreta, pois há aqui uma enumeração de sentimentos, mas não há conotação pejorativa.

**Gabarito: D**

### 30. (FUVEST - 2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Blumenberg do mito político como um processo contínuo de

trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

*ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. Piauí, ago. 2018, ed. 143, p. 24.*

De acordo com o texto, o “mito político”

- a) prejudica o entendimento do mundo real.
- b) necessita da abstração do tempo.
- c) depende da verificação da verdade.
- d) é uma fantasia desvinculada da realidade.
- e) atende a situações concretas.

### Comentários:

**ATENÇÃO:** essa questão misturava atualidades com interpretação de texto. O vestibular, aplicado em 2018, dialoga com as Eleições Presidenciais do Brasil naquele ano e com o apelido popular do candidato eleito Jair Bolsonaro. **É muito importante que você tenha noção do mundo ao seu redor para responder algumas questões.**

Segundo o texto, O mito político ganha força porque, mesmo que não tenha conteúdo ou compromisso com a verdade, atende a demandas cotidianas da população. Portanto, ele responde a situações concretas. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois o mito político não prejudica o entendimento da realidade. Segundo o texto, ele permite entendê-la melhor.

A alternativa B está incorreta, pois segundo o texto, o mito político não se conecta com a abstração ou a fantasia, mas a demandas do cotidiano.

A alternativa C está incorreta, pois o mito não é constituído de verdade, mas precisa ser encarado como verdadeiro para fazer sentido.

A alternativa D está incorreta, pois o mito político se conecta diretamente à realidade.

### Gabarito: E

---

#### 31. (Insper - 2019)

Dicas para evitar a disseminação de boatos e notícias falsas

##### 1. Saiba quando uma mensagem é encaminhada

Mensagens com a etiqueta “Encaminhada” ajudam a determinar se seu amigo ou parente escreveu aquela mensagem ou se ela veio originalmente de outra pessoa.

##### 2. Verifique fotos e mídia com cuidado



Fotos, áudios e vídeos podem ser editados para enganar você. Procure por fontes de notícias confiáveis para ver se a história está sendo reportada também em outros veículos. Quando uma notícia é reportada em vários canais confiáveis, é mais provável que ela seja verdadeira.

### 3. Fique atento a mensagens que parecem estranhas

Muitas mensagens ou links para sites que contêm boatos ou notícias falsas apresentam erros de português. Procure por esses sinais para verificar se a informação é confiável.

### 4. Esteja atento a preconceitos e influências

Histórias que parecem difíceis de acreditar são, em sua maioria, realmente falsas.

### 5. Notícias falsas frequentemente viralizam

Não encaminhe uma mensagem só porque o remetente está lhe pedindo para fazer isso.

### 6. Verifique outras fontes

Se você ainda não tem certeza de que uma mensagem é verdadeira, faça uma busca online por fatos e verifique em sites de notícias confiáveis para ver de onde a história veio.

### 7. Ajude a parar a disseminação

Não compartilhe uma mensagem só porque alguém lhe pediu. Se algum contato ou grupo está enviando notícias falsas constantemente, denuncie-os.

**Importante:** Se você sentir que você ou alguém está em perigo emocional ou físico, por favor, contate as autoridades locais de cumprimento da lei. Essas autoridades são preparadas e equipadas para oferecer assistência nesses casos.

(<https://faq.whatsapp.com/pt>. Adaptado)

Assinale a alternativa em que os termos destacados são recorrentes em textos que tratam de temas relacionados às mídias digitais.

- a) Ajude a parar a **disseminação**. Verifique outras **fontes**.
- b) **Saiba** quando uma mensagem é encaminhada. Procure por estes **sinais** para verificar se a informação é confiável.
- c) Notícias falsas frequentemente **viralizam**. Não **compartilhe** uma mensagem só porque alguém lhe pediu.
- d) Esteja atento a **preconceitos** e influências. Verifique **fotos** e mídia com cuidado.
- e) Fique atento a mensagens que parecem **estranhas**. Não encaminhe uma **mensagem** só porque o remetente está lhe pedindo para fazer isso.

**Comentários:** A palavra viralizar significa “se tornar popular ou muito disseminado na internet”. Já a palavra “compartilhar” se liga diretamente à ideia de “divulgar nos meios digitais”. Por isso, a alternativa cujos termos mais fortemente se relacionam à internet é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “disseminação” e “fontes” não são necessariamente ligados à internet. Podem aparecer em outros contextos, como no texto jornalístico, por exemplo.

A alternativa B está incorreta, pois “saber” e “sinais” não são necessariamente ligados à internet. Podem aparecer em outros contextos e gêneros textuais.

A alternativa D está incorreta, pois “preconceitos” e “fotos” não são necessariamente ligados à internet. Podem aparecer em outros contextos e gêneros textuais.

A alternativa E está incorreta, pois apesar de “mensagens” ser uma palavra muito comum nos textos sobre internet, “estranhas” não é necessariamente ligado à internet.

### **Gabarito: C**

---

Texto para as questões 32 e 33:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma

vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

### 32. (UNESP - 2018)

Em “o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói.” (3º parágrafo), a “ação” a que se refere o narrador diz respeito

- a) à fuga dos escravos.
- b) ao contrabando de escravos.
- c) aos castigos físicos aplicados aos escravos.
- d) às repreensões verbais feitas aos escravos.
- e) à emancipação dos escravos.

**Comentários:** A oração apresentada no enunciado está no meio do terceiro parágrafo, isso deve indicar que o termo correspondente a “ação” é um termo presente no mesmo parágrafo. O que motiva a ação, segundo o texto, era o “sentimento da propriedade”. Se a questão está ligada à questão da propriedade, ela deve partir dos senhores de escravo, já que é para eles que os escravos não representam mais que objetos. Além disso, o texto diz que “dinheiro também dói”. Isso significa que os donos de escravo não aplicavam castigos excessivos para não perder dinheiro. Escravos que sofressem maus-tratos constantes poderiam ficar com sequelas perenes ou fugir. Perder dinheiro dói no senhor de escravos e, por isso, ele não deve castigar demais fisicamente os escravos. Para o texto, a repreensão não é suficiente para promover uma fuga, mas o castigo físico é. Por isso, a alternativa correta é alternativa C “castigos físicos aplicados aos escravos”. A alternativa A está incorreta, pois o motivo dos escravos fugirem não é o sentimento de propriedade, mas sim o desejo de liberdade.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência no texto ao contrabando de escravos enquanto ação. Apenas observamos a referência a um “escravo de contrabando”.

A alternativa D está incorreta, pois, além do que já foi dito no comentário inicial, no primeiro e no segundo parágrafo, o autor descreve objetos de tortura física, indicando que os castigos a que o texto se refere são majoritariamente físicos, não morais.

A alternativa E está incorreta, pois a ação de emancipar os escravos sequer está posta no texto. A única tentativa de liberdade está na fuga para os escravizados.

**Gabarito: C**

---

### 33. (UNESP - 2018)

No último parágrafo, “pôr ordem à desordem” significa

- a) estimular os proprietários a tratarem seus escravos com menos rigor.
- b) conceder a liberdade aos escravos fugidos.
- c) conceder aos proprietários de escravos fugidos alguma compensação.
- d) abolir a tortura imposta aos escravos fugidos.

e) restituir os escravos fugidos a seus proprietários.

**Comentários:** A frase “pôr ordem à desordem” aparece no parágrafo que trata do ofício de capturar escravos. Se o trabalho dessas pessoas era capturar escravos que haviam fugido, então a fuga é a desordem e a captura é a restituição da ordem. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois no texto não há indicação que os captores de escravos incentivassem o tratamento menos rigoroso dos escravos. Aliás, eles sequer intervêm na relação entre escravos e senhores. Sua ação é pecuniária, ou seja, visa o pagamento pelo serviço.

A alternativa B está incorreta, pois os captores, como o próprio nome diz, capturam escravos, não os libertam.

A alternativa C está incorreta, pois quem era compensado, segundo o texto, eram os captores, que eram pagos pelo seu serviço. A compensação aqui deve ser entendida como pagamento, dinheiro.

A alternativa D está incorreta, pois os captores não têm interesses, segundo o texto, de promover algum benefício para os escravos. Sua intenção é puramente financeira.

**Gabarito: E**

---

### 34. (FUVEST - 2014)

Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ TRABALHAMOS COM O MELHOR DA NATUREZA

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte a natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

*www.destakjornal.com.br. 13/05/2013. Adaptado.*

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
- b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
- c) explora o caráter polissêmico das palavras.
- d) mescla as linguagens científica e jornalística.
- e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

**Comentários:** O anúncio se vale principalmente das múltiplas acepções da palavra “natureza” para conferir estilo ao texto. “Natureza” pode ter uma série de significados diferentes: “mundo material em que estamos inseridos”, “conjunto composto pelos seres vivos e seus cenários originais (mares, florestas, montanhas etc.)”, “força criadora”, “caráter, temperamento”, entre outros. Assim, o anúncio explora a **polissemia**, palavra que significa “múltiplos significados” da palavra natureza para dar maior expressividade ao texto. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “sinonímia” significaria que brinca com sinônimos e aqui não há uma mesma palavra com diferentes significados.

A alternativa B está incorreta, pois ainda que haja reiteração, repetição, do termo “natureza”, este não é homônimo, pois a acústica e a escrita são iguais, apenas o sentido é diferente.

A alternativa D está incorreta, pois não há uma linguagem mais refinada, erudita, complexa e objetiva dita como jornalística (observe por exemplo a flexão em primeira pessoa do plural logo no primeiro verbo “selecionamos”, o que pessoaliza – e não objetiva – o texto).

A alternativa E está incorreta, pois os sentidos da palavra não são necessariamente opostos, antônimos, apenas diferentes.

## Gabarito: C

---

### 35. (UNESP - 2014)

Considere a passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

#### *Água-Mãe*

*Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele back<sup>1</sup>, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:*

*— Joca, você aqui não paga.*

*Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo center-forward<sup>2</sup> que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.*

1 Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

2 Centroavante.

(*Água-Mãe*, 1974.)

Com a expressão *fugia das entradas*, no primeiro parágrafo, o narrador sugere que o jogador Joca manifestava em campo:

- a) preguiça.
- b) covardia.
- c) despreparo.



- d) esperteza.
- e) ingenuidade.

**Comentários:** Essa expressão aparece em *“Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés.”*. Lendo o trecho, fica evidente que o autor se refere à postura esperta do jogador que conseguia se esquivar dos ataques adversários. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o jogador não demonstra preguiça para jogar, mas sim iniciativa, já que ele não temia a violência.

A alternativa B está incorreta, pois uma pessoa que é covarde não teria a iniciativa de ir para o conflito.

A alternativa C está incorreta, pois um jogador despreparado é um jogador que não atua bem em campo e, pelo texto, fica claro que ele devia ser um bom jogador.

A alternativa E está incorreta, pois é preciso ser esperto para conseguir perceber as investidas dos adversários para se esquivar delas.

**Gabarito: D**

## Considerações finais

Como vimos, o vocabulário é uma parte muito importante na prova do ITA. Ele pode ajudar você a responder mais rapidamente uma questão e lembre-se sempre: **agilidade é essencial numa prova com tantos detalhes quanto a do ITA. Ganhar tempo em português para fazer as questões de exatas mais calmamente pode ser um diferencial.**

Na próxima aula, vamos ver mais um assunto introdutório: **conhecimentos básicos para interpretação de texto**. Veremos então:

Veremos então:

- Gêneros textuais.
- Níveis de significação do texto.
- Variação linguística.
- Tipos de discurso.
- Funções da linguagem.

Até lá, faça exercícios e procure tentar criar o hábito de ler nos mais diversos meios para treinar bastante!

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof.<sup>a</sup> Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil



Versão	Data	Modificações
1	22/04/2019	Primeira versão do texto.

